

L.: Era. A Guiomar cuidou muito dela. A Delba cuidou muito dela. Era escalada, pra, pra ficar aqui cuidando dela, sabe? Então, toda a oportunidade que eles tinham de, de, de, sabe?

V.: A capela ti...você tinham alguma missa, tinha alguma atividade religiosa?

L.: Não, não, nenhuma.

V.: Ficava meio parada?

L.: Paradona.

V.: Mesmo com a irmã Emília aqui?

L.: Mesmo com a irmã Emília aqui. Não tinha nada, nada, nada. Eu lembro que porque não época eu era muito católica e, e a gente ia a missa no Colégio Arnaldo.

E.: Hum.

L.: Tanto Noemi, Inês e eu, a gente ia a missa no Colégio Arnaldo. A gente freqüentava lá.

V.: Luzia, como é, como é que era o lazer, né, de vocês alunas? Além desse espaço que vocês tinham para namorar, que outras atividades de lazer que vocês tinham?

L.: Tinha... era só isso. Não tinha mais nada não.

V.: Tinha festas, fora, baile...

L.: [inaudível] Tinha baile no DA., né? Era aqui no DA. Falava, mas eu não era de ir em festa... nós três não éramos de ir em festa. Logo depois, que quem mais ia em festa, a turma que tem muita festa pra ir, que aí a es... é outra estória, é da, do DA, é do DA, da, da, da farmácia, aí é ..., das outras coisas, mais pra frente...

V.: ...mais tarde... né?...

L.: ...mais tarde...

E.: ...teve...

V.: ...pelo... [superposição de vozes] Hum... [riso]

E.: ...teve um período, em sessenta e três, que teve uma campanha de divulgação da profissão junto aos, aos colégios, é, é, onde foram realizados também shows piqueniques, você lembra disso?

L.: Shows, piqueniques, piqueniques não teve, eu não lembro não...

E.: ...não?...

L.: ...mas, mas divulgação, palestras...lembro...Norma até participou ... de muitos.

E.: Como é que foi?

L.: Norma... [pausa]

V.: Norma Lúcia [de Matos]...

L.: Norma Lúcia... deixe eu ver se eu lembro... [pausa]

V.: Alguma atividade ligada à ABEn, [Associação Brasileira de Enfermagem] nessa época?

L.: Foi ligada à ABEn, sim, foi da ABEn...

E.: ...foi durante a Semana Brasileira de Enfermagem?...

L.: ...foi, foi...

V.: ...quem era da ABEn? Você lembra quem era presidente na época?

L.: A Maria José Silva, não? Eu lembro quem que era, Maria⁵ José Silva, é, Dilza [Brito Guimarães] era tesoureira...⁶

V.: ...irmã Tereza Notarnicola...

L.: ...irmã Tereza Notarnicola...

V.: Depois irmã Cecília Bhering.⁷

L.: ...irmã Cecília, quem mais? Irmã Tereza Notarnicola, ela era daqui, né, eu lembro o dia que o po... que a coisa caiu em cima dela, coitada.

E.: O cofre?

L.: O cofre.⁸

V.: Como é que era a relação com a irmã Tereza, essas outras freiras. Elas davam aula...

L.: ...não, não, muito ruim...

V.: ...você não se lembra da irmã Te... da irmã...

L.: ...muito ruim.

V.: Ruim como assim?

L.: Ruim assim, não existia relação pra n... nossa, da no... da no... da nossa turma não...

V.: ...da sua turma...sua turma não, né?

L.: ...não...entendeu? Nós, nós, nós tínhamos uma, uma imagem, por causa da irmã Emília, uma imagem muito negativa das freiras, entendeu? A gente, no hospital a gente corria delas, a gente não dava, o conselho que a gente tinha das freiras, é que a freiras só estavam no hospital pra botar a chave no bolso, para trancar tudo e pra criar dificuldade no trabalho da gente. Era essa a imagem que a gente tinha.

V.: Era essa imagem que a irmã Emília passava pra vocês? Porque é, é, essa imagem que a irmã Emília passava, como é que era esse relacionamento a ma... mais com a irmã Emília?

L.: Olha, existe, o relacionamento nosso com a irmã, quan... o nosso relacionamento com a irmã Emília, ele, ele não, ele era, uma relação de autoridade, né? Então, era autoridade e a

⁵ Presidente da ABEn de 1980 a 1984

⁶ Tesoureira da ABEn na gestão da Irmã Maria Tereza Notarnicola, de 1962 a 1964; na gestão de Clélia Luisa Gonçalves Pinto, de 1964 a 1968

⁷ Presidente da ABEn de 1957 a 1960

⁸ Ela sofreu um acidente; maiores detalhes ver na entrevista da mesma.

gente não escutava as coisa dela, não, escut... e nós escutávamos muito, porque muitas vezes ela, na aula de ética, ela colocava as coisas, através de, de, de, de estórias, sei lá, ela contava, passava de alguma coisa, ficava falando nisso, não sei mais o quê, ela dava alguma mensagem pra gente, mas nós não, nós sabíamos que ela fazia isso, que nó... as alunas do terceiro ano e do segundo já tinham avisado pra gente isso, então nós não...

V.: ...não ligavam não ...

L.: ...não dávamos confiança, não. Ficávamos caladas, sabe? Agora a gente sabia que existia uma relação muito ruim, não era uma relação tranqüila, da irmã Emília com o corpo docente...inclusive ela, ela, ela criava muita intriga, a própria irmã Emília. Ela jogava professores uns contra os outros, ela, ela armava umas coisa dessas, e a gente ficava sabendo disso. E a gente gostava demais dos professores. Tinham professores excelentes, entendeu? E a gente sabia que ela fazia isso, sabia que ela fazia alguns professores sofrerem por causa disso, então. Tem uma estória nossa que, por causa dessa greve, aquela greve de um terço, nós estávamos fazendo estágio na Cruz Vermelha e...teve um paciente nosso, o paciente, um paciente que a gente, todas, todas as três tinham cuidado dele, e ele foi pro pós-operatório e parece que nós queríamos cuidar desse paciente. Só que como nós não tínhamos tido ainda enfermagem cirúrgica, foi barrado, não foi possível. Então nós pressionamos a professora, que a gente queria dar plantão no turno com ele. Aí, eu sei que foi conversar com a irmã Emília, pra irmã Emília ter que autorizar, aquela confusão, sabe, pra ela poder liberar pra gente poder cuidar desse paciente. Aí nós fomos dar plantão [inaudível] ...

V.: ...quem que era essa professora na época?

L.: Alaíde [Esteves Lima]. Alaíde é que deu cobertura pra gente, né, Alaíde que foi conversar com a irmã Emília. E nós fomos cuidar desse paciente, né. Inclusive Alaíde foi e deu toda a orientação pra nós, né. E outra, outra coisa também que aconteceu, também nesse mesmo período, foi o pai, o pai de Norma, foi nessa época que o pai de Norma também foi internado, e muito grave, também na Cruz Vermelha, lá no lugar que a gente estava, e a gente queria ajudar cuidar dele. Então Alaíde também que interferiu. Então, assim, eu falei assim, gente [inaudível] todo mundo foge do plantão noturno, nós estamos brigando com a direção da escola pra poder dar plantão, pra ter o direito de dar um plantão noturno, entendeu? Então, ti... tinha, tinha essas coisas, sabe? Acho que nós éramos muito “Caxias”, sabe? [risos]

V.: Muito certinhas, apesar de não seguir as, as, todas as regras, mas...

L.: ...não, as regras nós, n..., nós, aquilo que era absurdo prá nós, né, a gente...

V.: É, Luzia, mais alguma coisa do internato? Onde vocês passavam as férias? Tinha férias?

L.: Tinha. Férias regulamentares. A, um, nós entramos no, num regime escolar...

V.: ...sim...

L.: ...sabe? Tinha férias, [risos] quer dizer, até dezembro, de dezembro a jan... a março, aí que, aí deu aquela lacuna que eu te falei, porque aí a gente não tinha mais...

E.: ... a cobertura...

L.: ...a cobertura. Tinha as férias de julho, tinha as férias de... encerrava o período letivo em dezembro...tá?

V.: E nesse período cada um ia para sua casa?

L.: Cada um ia para sua casa.

V.: Ninguém ficava no internato?

L.: Não. Ninguém ficava no internato.... sua casa.

V.: Luzia, é, mais alguma coisa, assim, do internato, fato interessante, que você se lembre agora?

L.: Não. Do internato, né. Não, em relação à alimentação, era muito boa, tinha, tinha, engraçado que tinha um lanche, ti...tinha o café da manhã, o café da manhã era servido aqui, né, e ti... bem, um café da manhã bem farto. Tinha ovo, fruta...

V.: ...quem fazia o café?

L.: Dona Itália. Não. Oh, devia ser a Tita, ou Zulmira ou, ou, o pessoal administrativo.

V.: Quem mais trabalhava, trabalhava aqui além da Tita e da Zulmira?

L.: Era Tita, Zulmira, dona, dona, a mãe do Oscar [da Costa], como é que ela chamava, gente? Dona Leontina [da Costa]...

E.: ...Leontina...

L.: ...Leontina, a dona, a outra [inaudível] Não sei se era Tita, era uma gorda...

V.: ...Lygia [Queiroz Guimarães?]

L.: ...morena...

V.: ...já era daqui, da época? Dona Lygia, da secretaria?

L.: Aí já é da secretaria, é da minha época também. Dona Lygia [inaudível], dona Lygia era outra que dava muita informação pra gente da irmã Emília. Tem um fato muito interessante, lembrei da dona Lygia agora, quando, porque na verdade, nosso curso, então, como foram, nós fomos a primeira turma, então a escola estava estruturada pra dar até o terceiro ano. Ela não estava estruturada pra dar o quarto ano, porque o quarto ano era opção: ou Saúde Pública ou Obstetrícia, né? Então o quê que foi feito, então é... nós fizemos, terminamos o terceiro ano e, só que nós queríamos continuar, né, as três não iam parar de jeito nenhum. E nós

articulamos pra gente fazer o quarto ano em São Paulo, d... na, na Escola de Enfermagem da, da USP. E pra fazer o curso na Escola de Enfermagem da USP, na verdade, Inês e eu tínhamos insistido que íamos fazer Saúde Pública, e não tinha saúde...tinha Saúde Pública, e a Noemi ia fazer Obstetrícia. Então a Noemi foi pra Paulista, pra fazer lá o, o quarto ano na Paulista. E, mas só que nós não tínhamos condição. A Inês, a Inês era funcionária do Estado, então ela ganhava pra poder, ela, que tinha o salário dela, que era pouco também e eu não tinha condição nenhuma pra poder ir pra São Paulo, pra me manter em São Paulo. Então tinha que ir para o mesmo regime, pra poder conseguir ficar inter... no internato de São Paulo, porque lá também não era todo mundo, o internato não atendia todo mundo, e nós tínhamos que conseguir alguma coisa. Então don... dona Lygia nos informou que havia chegado uns papéis da CAPES para bolsa...

V.: ...hum...

L.: ...e estava tudo na mesa da irmã Emília, na secretaria. Só que a irmã Emília não repassava isso pra ninguém. Aí dona Lygia roubou os formulários da mesa da irmã Emília e passou pra nós. E foi aí que eu e a Inês preenchemos os papéis e mandamos pra CAPES, e conseguimos bolsa da CAPES.

V.: [inaudível]

E.: E irmã Emília não con...

L.: ...não ficou sabendo.

E.: Ah! Nem tinha lido...

V.: ...nem tomou conhecimento.

L.: Nem tomou conhecimento, tá? E dona Lygia falou: “Ó, chegou uns negócios da CAPES, dando bolsa pra aluno, dando bolsa”.

E.: Ela era secretária da Mari... da irmã Emília?

L.: Da es... ela era secretária daí da escola...

V.: ...federal, da escola...

L.: ...entendeu? [riso] Aí ela tirou os papéis, nós preenchemos os papéis, ninguém ficou sabendo, nós mandamos pra CAPES e fomos embora pra São Paulo porque a gente... o curso começava. Foi em maio veio a resposta que, que nós tínhamos conseguido a bolsa, sabe, da CAPES. Então eu fui a primeira, eu fui bolsista da CAPES em 1965 [riso]. Dos, do, dos formulários roubados da mesa da irmã Emília. Pra você ver como é... [riso], ela era tão boazinha que nem...

V.: ...até, quando...

V.: Ham-ham. Ô, ô, Luzia, tem esse lado da irmã Emília, né, e, e eu, e as professoras? Tinha algum tipo de boicote em relação às alunas, alguma coisa assim pra dificultar o relacionamento ou, o, o, o cotidiano das alunas no internato...

L.: ...não...

V.: ...por parte das professoras?

L.: Não. Que eu, que eu lembre não. [gagueira] Na nossa turma não. Não tinha nada de, de boicote não. A nossa relação com as professoras era relação de salas de aula, sabe...elas n... nessa época elas não tinham muito acesso, elas ficavam aqui até uma hora da tarde, elas trabalham de sete às treze, e ficavam somente aquelas que tinham alguma aula pra dar, depois de, porque elas ficavam mais no estágio, né, elas tinham, elas almoçavam aqui, eu lembro que, alguma funcionária que arrumava comida pra elas, elas almoçavam aqui...

E.: ...a mesma comida que vocês almoçavam...

L.: ...não. Não porque a gente almoçava no DA.

V.: Ah, vocês almoçavam no DA.

L.: Era, quer dizer, almoçava assim, era alguma co... coisa, porque assim, elas arrumavam...

E.: ...um lanche...

L.: uma coisa mu... uma comida mais simples, né, e não tinha não. N... nunca, com a nossa turma não...de boicote, nada disso não, sabe? Era até ao contrário, assim. Elas ajudavam muito a gente, na relação com a direção, com a irmã Emília...

V.: ...com a irmã Emília, né?

L.: É.

V.: É algum caso de transferência de aluna para outro curso? Da sua turma não, mas de, das turmas próximas, que você se lembre?

L.: Não. Nenhum caso de transferência, não.

V.: Tinha, a escola, vocês tinham alguma relação com as alunas da Cruz Vermelha, o curso de auxiliar da Cruz Vermelha?

L.: Não. Só em estágio.

V.: E como é que era essa relação, que tinha...

L.: [inaudível] coincidia da gente estar junto no estágio, se quisesse fazer amizade fazia; não era nada formal, tudo informal. Não tinha relação nenhuma.

V.: Teve um aluno do sexo masculino?

L.: Da minha, antes da minha...

V.: ...até, quando você estudou aqui...

L.: ...que eu saiba, não. Enquanto aluna, não. Tem não.

V.: A escola prestava algum serviço à comunidade?

E.: ...como extensão [inaudível]

V.: ...como extensão? De farmácia, farmacinha, curativo, para o pessoal de foram aqui na unidade?

L.: Não. Não tinha isso não. Eles não estruturaram nada nesse sentido não. O que tinha eram os estágios, né? Porque também mudou muito...

V.: ...como que era o estágio de Saúde Pública?

L.: Pois é, isso que eu ia falar. Mudou muito a relação do es... mudou muito a relação do estágio de saúde pública, porque antes era o estágio de três meses, e que as meninas tinham, faziam estágio no Centro de Saúde Tia Amância, né, lá perto da [Lavanderia] Eureka [atualmente, Colégio Pitágoras, no bairro Cidade Jardim] . E fazia o trabalho naquela favela lá de perto, com Carmelita. Então es... es... as alunas, por exemplo, das duas turmas anteriores, né, elas faziam muita coisa. Agora, nós não. A nossa turma, como já o estágio de saúde pública ela não era mais de, de, de três meses, ele foi diluído no primeiro, no segundo e no terceiro ano. Então a nossa relação era assim, a gente pegava o paciente do hospital, tinha paciente do hospital e que a gente devia conhecer a família desse paciente.

V.: É assim o estágio de Saúde Pública?

L.: De Saúde Pública, tá? Então muitas vezes tinha, a gente tinha estudo de caso, então aquele paciente e ia ver. Então a gente ia muito, eu fiz muita visita domiciliar, em, em vários bairros. Agora, é complicado porque eram o, né, vários bairros de Belo Horizonte e, e a gente não sabia andar, não tinha, era com condução, tudo por conta da gente, não tinha nenhum apoio institucional...

V.: ...tinha mais carro da escola não?

L.: Não. A época da “Coramina” não é da minha época, não [risos]. Eu só sei as histórias da Coramina, sabe? Porque a Coramina que le... que trazia os meninos do internato para o hospital...

V.: ...quando o internato era lá em cima...

L.: ...lá em cima, sabe? Então [inaudível]...

E.: ...você, você formou na época da, da, da revolução de sessenta e quatro. Você sentiu algum, a, como é que foi a ambiência em relação à revolução de sessenta e quatro, em termos de escola?

L.: Olha, engraçado, né, porque a, a única coisa, eu lembro do d... do di... do dia que estourou a revolução eu estava fazendo meu estágio no bloco cirúrgico, né, e eu não esqueço disso, que no dia que estourou a revolução que eu não sabia [inaudível] anúncio pro rádio: as tropas estão chegando em São Paulo, sabe, aquela confusão toda, aí a, eu só lembro que [inaudível] assim [inaudível] de prontidão. Todo mundo tem que estar de prontidão pra, pra ver, pra...

V.: ...para o ataque...

L.: ...para o ataque. Para poder, né? [risos] E, mas depois disso, não, porque, da, a escola na verdade, a escola era muito, muito apagada, muito, sabe? Sem, sem atuação nenhuma, sem, sem formação, formação nenhuma...

E.: ...sem [inaudível] política...

L.: ...sabe, em relação aos fatos históricos, ao momento, sabe, político da época.

V.: Não se discutia, não teve nenhuma repressão...

L.: ...não se discutia, não se discutia...

V.: ...na escola?

L.: Teve depois. Aí eu era professora...

V.: ...sim...

L.: ...aí é outra estória.

V.: Antes, an... até, até sessenta e cinco...

L.: ...entendeu?...

V.: ...nada, nenhum envolvimento, porque ses...

L.: ...com as alunas, não. Porque sessenta e cinco eu já estava, eu estava em São Paulo, né...

V.: ...ah, sim. Hum-hum. Política [inaudível]

L.: [inaudível] São Paulo fazer estágio no interior, aí, né...lá na a... na área de Ribeirão Preto, de Araraquara, sabe, mas aqui ne... nessa época...

V.: ...não...

L.: ...era muito, quer dizer, tudo...

V.: ...tranquilo [riso].

L.: Tranquilo, sabe?

V.: Luzia, existia estágio extracurricular no seu período?

L.: Oficialmente não, mas eu acredito que todos os estágios que a gente fazia por fora eram extracurriculares, viu, porque não... [riso] entendeu?

V.: Não [risos]. Não entendi. [risos]

L.: Porque, na verdade, se eu for computar o tanto de estágio que eu dei no Hospital das Clínicas, foi muito mais do que era exigido por lei.

V.: Ah, sim. Ah, sim. Nesse sentido.

L.: É.

V.: Mas pago, remunerado, fora da escola, não, né?

L.: O meu? Não, não, não. Porque começou o estágio extracurricular pago na, na escola foi quando eu já era professora, que eu que fui uma das que participei disso aí, entendeu? Aí é outra estória...[inaudível] Hospital Municipal...

V.: ...chegaremos lá [riso].

L.: Isso aí é outra estória. [inaudível]...sabe?

V.: Mais alguma coisa sobre...

L.: ...a minha história na enfermagem é assim: eu, enquanto aluna, eu, na minha ra... eu e [gagueira]. A minha história ela vai até a irmã Emília e depois da irmã Emília.

V.: Certo. [risos] Irmã Emília é o marco. [risos]

E.: [inaudível]

L.: Irmã Emília.

V.: Irmã Emília.[risos]

E.: Você teria alguma coisa ainda nesse período, antes de você ir para São Paulo, pra nos dizer, algum fato que você lembra, alguma coisa que você se lembre?

L.: Olha, e... eu, interessante, porque, eu acho que a escola, ela era muito, na verdade ela não estava preparada, os professores não est... não é, não é, não é preparo técnico, preparo, como é que eu falo?

V.: Teórico?

L.: Teórico não. É, é, elas se, se sentiam que não estavam preparadas, elas se sentiam assim, que não estavam preparadas teoricamente, para assumir um curso de nível superior. Isso elas demonstravam isso.

E.: As professoras?

L.: As professoras. Mas, na verdade, mas a gente não sentia que elas não estavam preparadas, que elas eram muito preparadas, elas eram excelentes enfermeiras... entendeu? Mas o que eu acho que elas não estavam preparadas ou talvez pelo próprio processo em que elas viviam, porque existia um, um, um, um, um clima emocional na escola muito ruim, com a direção da irmã Emília, sabe, era muito ruim isso lá. Então, e, então eu acho assim, que elas não estavam

preparadas em relação a, a, a como lidar com as questões do ensino propriamente. Elas estavam preparadas...

[FINAL FITA 2, LADO A]

FITA 2, LADO B

L.: ...for.. que entraram pra escola pra ser professoras, mesmo porque elas eram enfermeiras e elas continuavam sendo enfermeiras e elas passavam isso pra gente, como ser enfermeira, sabe? Então, é, é, é isso era uma preocupação muito grande. Agora [gagueira] estou colocando isso por causa do, do, do fato que aconteceu. O seguinte: eu lembro que eu estava na Cruz Vermelha, foi no meu primeiro ano? Deve ter sido no meu prime... foi no meu primeiro ano na Cruz Vermelha. E que eu dei uma medicação errada, aconteceu de eu dar uma medicação errada. E foi a coisa mais interessante, porque eu dei a medicação errada e quem descobriu que tinha dado a medicação errada fui eu mesma, sabe? Porque o processo de distribuição de medicamento é aquele processo... Ah! Tem uma coisa interessantíssima também que depois eu quero falar. Aquele processo é aquele processo de...

E.: ...então, diz como que é pra eu anotar aqui.

L.: Trans... de transcrever, mas ele vai sair agora. De trans... de transcrição, então era, era, era por tarefa. [gagueira] A administração de medicamento ela, ela era passada por duas pessoas, uma transcrevia, então pegava toda a transcri... a prescrição médica e, e fa... fazia e passava pro (...).

V.: ...Cardex?

L.: Não. Nessa época não era, não. Era um livro, eram umas folhas de enfermagem. O Cadex foi bem mais na frente. Eram umas folhas de enfermagem então você passava aquilo diariamente. Então tinha o nome, o medicamento, o horário, você riscava as folhas de papel almaço bem... artesanal; tinha um modelo lá que você fazia isso, os horários, as observações você tinha que pôr. Se é, observações você punha assim: medicamento se é tomar com leite, dar nas refeições, essas coisas assim. E, então isso era... E o sistema de administração, e aí tinha aqui, tinha os medicamentos os copinhos, tinha... os copinhos pequenininhos e tinha uma bandeja. A bandeja... [tosse] Essa enfermagem me mata [riso]. Tinha uma bandeja que tinha um, um, um, sabe aquele negócio de radiografia, aquele coisa, aquele duro? Ra... radiografia, que elas limpavam aquilo, ele ficava azulzinho.

E.: Papel da radiografia?

L.: É. E fizeram um, um...

E.: ...um suporte entre a bandeja?

L.: Não. Suporte nada bem! Fizeram...

V.: ...divisória?

L.: Não. Fizeram um papelão assim [desenha o modelo da bandeja], ô, com um...

E.: ...com radiografia?...

L.: ...dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, os números dos leitos da enfermaria.

V.: Isso na bandeja?

L.: É. Coberto com esse envelope, com esse...

V.: Papel de raio X, limpo.

E.: Papel de raio X.

L.: Papel de raio X, tudo...

V.: ...azulzinho?

L.: Coisa de freira. Azulzinho, coisa de freira. Tudo bordadinho assim em volta. E punha aquilo papel limpinho na bandeja, no fundo da bandeja. E eu preparava os medicamentos, então o medicamento do paciente do leito um eu ponha nesse quadradinho aqui, não tem nada separando não, entendeu?

V.: Só o número embaixo?

L.: Só aquele número embaixo. Com aquele negócio de bandeja...

V.: ...balançava...

L.: ...de radiografia, que liso, uma bandeja desse tamanho [mostra com as mãos] assim, ô, pois se tinha todos os números da enfermaria, dos leitos da enfermaria, [inaudível]. E você colocava os copinhos ali, então só tinha isso. Então você levava...

V.: ...copinho de vidro?

L.: Copinho de vidro. Então você colocava o copinho... Copinho de vidro ou então era tampinha também de medicamento que você punha...

V.: ...em cima?...

L.: ...os remedinhos dentro [inaudível]. Então era isso. Aí eu preparava, então eu pegava a bandeja no horário, eu pegava a bandeja eu punha aqui e ia pela lista, fulano de tal vai tomar isso tam, tam, tam. Então eu pegava o medicamento, cinco vezes ler, né? Tam! Todo aquele esquema, então você olha o rotulo, prazo de validade, cor tam, tam, tam, tiro está aqui de fulano de tal, tá? Tá. Tá? Tá. Você tem que guardar o nome de cada paciente desse, porque você não tem mais nada. Você está levando a bandejinha...

V.: ...com o número do leito, só?

L.: Com o número do leito, né. E ia por tarefa. Quer dizer, eu estou na medicação de vá...

V.: ...de todo mundo?

L.: Né? Tá. Lá vai eu com a bandejinha, de repente, eu peguei e dei, era uma, uma novalgina, aí eu, paciente do leito tal, dona fulana de tal. E, e eu cuidadosa, chamava tudo por nome. Eu lembro que eu chamei dona fulana de tal, nome dela, falei o nome dela. Eu falei: “Trouxe um remedinho pra senhora.” Ela falou: “É, mas que coisa boa.” Eu falei: “Está aqui o remedinho da senhora.” Aí ela falou: “Que coisa boa.” Depois, ela pegou e tomou o remédio, depois ela falou: “Que coisa boa que lembraram de mim. Porque tem muito tempo que eu não tomo remédio.” [risos]

V.: Ichi!

E.: Bateu um [medo?]. [risos]

L.: Voltei olhei na folha de prescrição: Novalgina, olhei, tá. Mas está aqui Novalgina pra ela, depois eu peguei o prontuário dela, olhei lá, falei assim: “Uah! Mas ela não é dona Ma... não é dona fulana mesmo não. A papeleta dela é a de cá!” Aí foi que eu vi que o, que era outra pessoa. Era a outra ao lado dela, o coisa escorregou. No meio do caminho eu lembro que eu voltei, eu, eu, eu descobri porque que eu errei porque no meio do caminho quando escorregou pro outro leito, em vez de eu ir aqui, ô, na folha daqui, eu fui na papeleta só pra conferir o nome dela. Mas eu olhei na papeleta do, do, do número...

V.: ...do outro número...

L.: ...do leito, do outro número que estava aqui. Aí bati olhei o nome dela e voltei, chamei ela pelo nome, entendeu? Aí descobri, falei assim: “Nossa Senhora! Coitada dela, ela ficou feliz da vida porque ganhou uma Novalgina. E não precisava de tomar essa Novalgina. [risos]. Aí saí, fui procurar a professora. Eu, eu, eu fiquei, eu demorei até pra descobrir o quê que tinha acontecido, que processo tinha acontecido comigo que eu fiz isso. Aí fui procurar a professora e falei: “Olha deu pro... dei medicamento errado pra paciente.” Ela olhou pra mim, acho que ela assustou um tanto, sabe? Se dava um medicamento errado acho que, acho que...

V.: ...não sabia?...

L.: ...na história dela, né? Ela olhou pra mim, disse assim: “Mas que medicamento você deu?” Eu falei: “Uma Novalgina.” E ela ficou feliz da vida porque ela [riso] tinha, achou que estava, estava esquecida daquilo. Aí ela olhou pra mim, falou assim: “Você pode ir pra escola depois a gente conversa.” Não falou mais nada. Vim pra escola! Aí vim pra escola. Estou pensando na minha vida e quando foi de tarde a irmã Emília me chama. Olha pra você ver, você, você

faz colo... cometi um erro desses coloca pra professora, né, esperando que vai discutir porque que você errou, o quê que aconteceu, né? Aí não, a irmã Emília pega e fala, aí a, a irmã Emília pegou e falou: “Luzia, eu fiquei sabendo que você deu medicamento errado.” Eu falei: “Dei. Fui eu que contei que dei o medicamento errado. Porque eu descobri, dei isso, isso, isso.” Ela falou: “Tudo bem. Amanhã você não vai ao estágio. Você vai ficar aqui na escola pra você refletir sobre o seu erro.” Mas eu fiquei puta da vida! Sabe? Era, era o castigo. Era castigo.

E.: Era punição.

L.: Era punição, entendeu? Eu fiquei puta porque eu falei assim: “Gente mas eu não estou entendendo, tem, tem que des... tem que descobrir, porque... Aí eu chamei, eu lembro que eu chamei a Yole, foi com a Yole que eu conversei falei ol... foi com a Alzira falei: “Está errado isso. E dei um medicamento errado mas muita, muito mais gente dá. Porque daquele jeito, não é jeito de, de, de dar medicamento. Aquilo escorrega. Eu dei o medicamento errado porque escorregou, o, o vi... o vidro, o frasco, o vidrinho escorregou naquele trem liso daquele jeito. Escorregou e passou pra outro lugar. “Você não tem referência nenhuma, aquilo está errado daquele jeito, sabe”? Eu sei que, por isso que eu falo que, elas tinham, elas tinham um certo respeito da gente também porque a gente questionava o tempo todo, sabe?

E.: Você falou que tinha um outro fato também que você ia contar. É esse mesmo?

L.: Ah! É esse outro fato. Aí era assim, [risos] o outro fato era assim, quem estava na transcrição vai utilizar um balcão de cá, não, era uma mesa e tinha as papeletas todas penduradas, uma coisa assim, todas as papeletas penduradas na parede, pendurada, né? E o médico, muitas vezes, ele chegava [inaudível] pegava as papeletas fazia um monte aqui e ia é, é, é, passando a prescrição. E a gente ficava sentada na mesinha escrevendo, se o médico chegasse e, muitas vezes, o médico estava em pé passando a transcrição, a professora me chamava porque eu tinha que ficar de pé pra poder dar o lugar pro médico, pra ele fazer a prescrição. Entendeu? Então era assim o médico chegava se a gente estava escrevendo a gente tinha que ficar de pé [levanta da cadeira exemplificando]. Ele podia até ficar de pé o tempo inteiro, mas você tinha que...

E.: ...mas você também tinha que ficar?...

L.: ...que fizer, tinha que ficar de pé. E nós não ficávamos. Eu mesmo não ficava, falei: “Eu que estou escrevendo, eu tenho mais é que sentar.” Entendeu? [risos] Aí a Alzira falava assim: “Mas, [inaudível].” “Problema dele, uai! Eu não vou ficar de pé não professora, como que eu vou fazer o meu serviço de pé. Não tem sentido, uai!” Entendeu? Então tinha muito disso, de repente [gagueira] foi uma turma que era de, né, de, de nível superior. De nível superior na

cabeça deles, porque nós não, nem estava preocupada com isso. mas na verdade era uma turma também, que contestava todas as normas que a gente tinha. E a gente perguntava: “Mas porquê?” “Porque é norma.” “Como é? Nós não entendemos. Porque é norma? Norma a gente tem que, a norma é pra ser mudada, pra ser reformulada. A gente tem que ana... avaliar até que ponto ela vale, sabe?” Então...

V.: Teve algum fato so...relacionado a esse levantar pra dar lugar ao médico entre as alunas que tenha tido consequência maior, que você saiba?

L.: Isso aí eu não sei não.

V.: Um caso de uma aluna, de uma Cláudia parece. Ficou sabendo alguma coisa?

L.: Se eu o quê?

V.: De uma aluna chamada Cláudia, que se recusou também a se levantar e que teve problema de suspensão ou de...

L.: ...não.

V.: De... Você não se lem...não ficou sabendo desse fato?

L.: A Cláudia? a Cláudia quando ela [foi aluna] da escola eu já era professora. Eu não fiquei sabendo disso não.

V.: Ah! Foi mais tarde?

L.: Bem mais tarde.

E.: Não será que é essa Cláudia de sessenta e dois?⁹

V.: É.

E.: Processo de expulsão?

L.: Cláudia de sessenta e dois processo de expulsão?

V.: Você não se lembra?

E.: Aluna Cláudia, é.

V.: Ela chegou em sessenta e três, na escola.

E.: Ela chegou em sessenta e dois [inaudível].

L.: Não. Eu comecei em sessenta e dois. Foi. Cláudia? De que ano ela era?

E.: É, tem expulsão de uma Cláudia, não sei se [inaudível].

V.: Em sessenta e dois.

E.: [inaudível].

L.: De... deve ter sido em março, antes de março.

⁹ Cláudia Rita Santos formou-se em julho de 1969. Mais informações, ver entrevista de Carmelita Pinto Rabelo.

E.: É pode ter sido. [inaudível].

L.: E foi por esse motivo?

V.: Sim, também.

L.: Porque não levantou?

V.: É. [riso]

L.: Nossa! Nem sabia disso [risos]. [gagueira] por isso que eu falo que...

V.: ...também, já estava mudando a história.

L.: Você entendeu? Por isso é que eu acho, por isso, quer dizer, isso mais veio a afirmar o que eu estou colocando.

V.: É verdade.

L.: Sabe? Tinha um respeito. A gente estava mudando alguma coisa não escola. Sabe? Eu acho até que, que era, era, era até um espanto. Porque eu acredito, por exemplo, quando eu cheguei e falei que eu tinha dado a medicação errada, a professora assustou tanto que não falou nada pra mim, mandou eu vir pra escola. Ela não falou nada pra mim, porque acho que ela não, ela não sabia como, o que fazer numa situação dessa. Porque deve ter sido a primeira pessoa que chegou perto dela e falou um negócio desse pra ela, sabe? [riso]

V.: Alguma coisa que você se lembre antes da sua, chegar na formatura?

L.: Lembro. A nossa formatura foi, a nossa formatura...

V.: ...antes da formatura?

L.: Não. Foi a nossa formatura.

V.: Ah, sim.

L.: Eu lembro que foi muito interessante. Porque a nossa formatura... Nós terminamos o curso no dia acho que dez de dezembro de sessenta e quatro. E nós pedimos que no dia dez de dezembro que a gente estava encerrando o curso, que a gente fizesse uma reunião com o corpo docente da escola porque a gente queria avaliar o curso. Sabe? Então, estava as doze, doze pessoas, as doze professoras do corpo docente, nós três: Noemi, Inês e eu e mais uma professora, e mais uma enfermeira do Hospital das Clínicas, a irmã Bernadete que eu não sei porque [gagueira] era enfermeira do sexto andar, do sétimo andar que a gente fazia estágio. Eu acho que a Yole achou por bem... a Yole não, a Vitória achou por bem convidá-la. Que era essa freira que a gente relacionava melhor com ela, a irmã Bernadete, tá? Então nós resolvemos fazer uma avaliação do curso, o quê que foi de positivo, quê que foi de negativo, sabe? Aí avaliamos tudo. Sobre quê que ti... de, por cada período o quê que a gente tinha

passado como é que foi e, e, e... Mas no fundo nosso objetivo era avaliar as relações da irmã Emília [Clarízia] enquanto diretora da escola.

V.: E a irmã Emília estava presente?

L.: Claro! Não ab... de cabeça baixa, não abriu a boca. Nós falamos tudo que nós tínhamos vontade de falar. Nós estruturamos, fize...sistematizamos um pouco o que a gente ia falar, mas depois deixamos um pouco aberto. Soltamos os cachorros nesse dia. Lavamos a alma [riso].

V.: Saíram satisfeitas?

L.: Aí saiu tudo, saiu, sa...colocamos a relação, aí eu lembro, a relação da irmã Emília, como ela jogava os alunos uns contra os outros, entendeu? Aí fo... Eu, eu tenho a impressão, que nós colo...agora que eu lembrei, nós colocamos até a história da Delba, desse negócio da Delba, da suspensão também. Colocamos tudo, sabe? E eu lembro que, que foi, que quem conseguiu isso pra nós foi a Carmelita, sabe? Foi a Carmelita que, nós falamos que nós [inaudível], a Carmelita falou: “Não, pode deixar que eu vou conversar.” Porque ela era do corpo docente, né. E foi a Carmelita que conseguiu fazer essa reunião. E reuniu alguns professores pra, pra nos cumprimentar pelo término do curso e aí nós aproveitamos pra fazer a avaliação.

E.: Ah, vocês não, não falaram que iam fazer a avaliação! Vocês usaram da estratégia de...?

L.: Foi! A Carmelita deve ter usado da estratégia porque se a gente tivesse falado que ia avaliar o curso...

V.: ...ninguém aparecia?

L.: A irmã Emília, nós tínhamos, nós tínhamos que arrumar uma estratégia pra, pra puxar o tapete dela.

V.: E as professoras falaram alguma coisa?

L.: Falaram! Nós tivemos o apoio. Todas elas; eu lembro da Yole, da Vitória, sabe? As professoras eram excelentes professoras, não é? Eu que elas falaram, nós avaliamos e depois eu lembro que no final, aí cada uma ganhou um livro. A Carmelita foi que deu o livro pra gente. Há pouco tempo eu achei esse livro lá em casa [risos]. E mais interessante que todas as professoras... a Carmelita botou uma dedicatória e todas as professoras assinaram.

V.: Assinaram.

L.: O livro é do... como é que ele chama? Estava muito na moda naquela época. O livro do, Relações Humanas no Trabalho, do...como que chama aquele cara da psicologia que veio pra cá com a psicologia do trabalho, que ele era do banco da Lavoura. O cara que lançou, fazia psicologia do trabalho, da terapia de grupo? Ai.

E.: Não sei quem é não.

L.: Ele tem um livro, esse livro escrito por ele nessa época. Aí nós ganhamos o livro de presente *Relações Humanas no Trabalho*, começar nossa vida profissional [risos].

V.: E da formatura em si?

L.: Não, não teve.

V.: Não teve?

L.: Foi isso. Foi essa a cerimônia.

V.: Não teve, não teve colação de grau?

L.: Nada. Não.

V.: Porque não teve? Não tinha?

L.: Não. Não teve.

V.: Diploma entregue?

L.: Não.

V.: Cada um foi pro seu canto?

L.: Não teve. Não teve.

V.: Porque o curso não considerado terminado ou...?

L.: Não sei. [gagueira] Eu falei que era uma experiência nova pra elas, não teve nada não.

E.: Pois é, não tinha terminalidade no terceiro ano, tinha? Só no quarto não era não?

L.: Tinha. Eu tenho o diploma da Carlos Chagas.

E.: Ah, é!

L.: Não, não teve colação de grau. Teve, teve essa reunião.

V.: Se vocês não tivessem so...

L.: ...será que foi, nós colamos grau nessa reunião. Acho que foi nessa reunião que nós colamos grau. Foi sim. Acho que a irmã Emília depois leu uma ata. Foi sim.

E.: É bem possível.

L.: Foi sim.

V.: E uma solenidade, nada?

L.: Imagina, depois de uma reunião dessa você acha que ia fazer solenidade? Que isso! [riso]

V.: É.

L.: Aí nós fomos pra São Paulo feliz da vida com bolsa da CAPES. Quer dizer, como, como candidata a bolsa da CAPES.

V.: Luzia, nesse período de aluna você se lembra de alguma luta pela desanexação da escola da Faculdade de Medicina, ou algumas dificuldades?

L.: Existia insatisfação. Luta realmente concreta de desanexação, não. Era muita insatisfação que tinha. Muita insatisfação. Ah, outra coisa que eu não... muita insatisfação dos docentes de como a escola era tratada pelo [Oscar] Versiani [Caldeira]. Então a gente tinha na verdade a gente tinha [gagueira] as duas autoridades megeras, era o Versiani¹⁰ e a irmã Emília. [risos] Eu esqueci a do Versiani.

V.: Está em tempo. [risos]

L.: O Versiani durou ainda, né, muito tempo. Mas eu sei que... [inaudível].

V.: É. Mas, é, quê que isso num, que, que, que dificultava que os professores eram insatisfeitos? Você sabe assim...?

L.: Olha tinha, tinha muita, muita, eu lembro da primeira conversa dos professores em termo de classificação, porque eram todos professores da Faculdade de Medicina, né? Eram todos do quadro de pessoal da Faculdade de Medicina. Então eu lembro assim que eles foram os, os, os de lá, na época de uma classificação recebe...foram classificados como x, os daqui foram classificados com y; elas eram instrutoras. Elas não entraram no quadro do corpo docente na época, elas eram instrutoras. Então, isso demorou demais pra elas poderem, entrarem como dentro da categoria profissional, sabe? Então, foi uma luta. Elas lutaram muito nesse sentido.

V.: A construção da escola continuou?

L.: Não. Não.

V.: Quando você mudou estava começando.

L.: Não, não, não, não.

V.: E aí teve alguma re...parou daquele jeito?

L.: Não, não. A escola somente continuou quando [inaudível] foi pra vir pra cá.

V.: Quando o quê?

L.: O ICB

E.: ICB.

V.: Ah, quando o ICB veio! Não foi na sua época, foi depois?

L.: De aluna, não.

V.: Ah, tá. De aluna não.

L.: Entendeu? Aí foi que terminaram lá pra poder colocar o ICB. Mas antes não tinha, aqui era, nem, nem aqui fora o acabamento daqui. A escada era de madeira “caquenta” tudo parado.

¹⁰ Ele era diretor da Faculdade de Medicina à época.

E.: Essa escada é bem recente, em setenta e um a escada era de madeira, quando eu entrei na escola.

L.: É. Depois, foi com quem, com qual diretora da faculdade? Que foi, foi na gestão da Yole. Que a Yole batalhou demais pra poder arrumar a frente da escola. Foi na gestão da Yole¹¹ que arrumou isso aqui e plantou essas árvores, sabe?

V.: Bom, já que você não formou, né? Não teve solenidade?

L.: É. Não eu formei [risos]. Eu não, não teve solenidade. [risos]

V.: Como é que foi, vamos começar a falar então, daí pra frente, né? Como que foi o seu curso em São Paulo? Que aí você passou?

L.: Passei pra onde? Lá pra São Paulo?

V.: Pra São Paulo. Você foi candidata mas [risos] foi selecionada?

L.: Fui selecionada.

V.: Como foi o curso lá?

L.: Foi ótimo. Foi muito bom, né? [gagueira] o curso também foi baseado na [inaudível] seis ou sete, dez. Dez, mas também teve duas desistências. Então foi, foi muito interessante o curso. Aí já éramos três mineiras, era Inês, a Georgina.

V.: [Gomes] Figueiredo?

L.: É, Figueiredo. E eu, sabe? O curso era de um ano. E...

V.: ...vocês eram internas também?

L.: Também. Alguma diferença do internato?

L.: Muita diferença, apesar de, de cheio de normas, também.

V.: Também?

L.: Umhas normas muito interessantes. Primeira diferença, era quarto individual, né? Então cada uma tinha o seu quarto. É, horário você podia sair, você podia chegar lá que a gente podia entrar às dez horas, até às dez horas. Mas você podia, você podia dormir fora. Você podia chegar até às dez horas, se você não chegasse depois de dez horas o problema era seu.

V.: Não entrava?

L.: Não.

E.: Não entrava?

L.: Não. O problema era seu. Mas acontece que mesmo você chegando depois de dez horas a gente entrava, só que a gente tinha, eu lembro que nós chegamos uma vez, nós fomos pra um

¹¹ Diretora da Escola de 1973 a 1977.

teatro, e o teatro atrasou terminou mais tarde e a gente foi bater na porta da diretora da dona Maria Rosa

V.: Sousa Pinheiro.

L.: Aí nós passamos pelo apartamento dela. Ela falou: “O quê que aconteceu, que vocês chegaram tão tarde assim?” “Nós fomos assistir um teatro. O teatro atrasou.” Ela falou: “Da próxima vez é só vocês...” E nós não avisamos... não colocamos que nós íamos chegar depois de dez horas. Lá tinha que avisar que ia chegar depois de dez horas, pra portaria, pro cara ficar atento. Entendeu? Era isso. E nós não, não, não imaginávamos que fosse terminar depois de dez horas. Então, ela falou: “Da próxima vez vocês não esqueçam de deixar, ter uma previsão que vão chegar depois de dez horas. Pra ele ficar atento, pra abrir a porta pra vocês.” Então é diferente, né? Lá tinha pelo menos algo funcionário; aqui era a gente mesmo é que ficava, o aluno mesmo é que ficava. Quer dizer, ficavam entre aspas, né? Agora...

V.: Do curso em si?

L.: E do curso foi...

V.: ...você fez sobre Saúde Pública?

L.: Saúde Pública. O curso... a mesma história, então, a mesma história, na verdade nós somos o que? Também...

V.: ...primeira turma?

L.: É. Né? Dum, de uma coisa que estava começando. E o curso de lá também, de Saúde Pública também não estava estruturado, de Enfermagem de Saúde Pública. Então, o quê que eles fizeram, eles pegaram toda a parte teórica do curso de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública e fizeram uma negociação com a faculdade, então nós éramos alunos, nós éramos alunos das disciplinas do curso de Saúde Pública de, para graduados.

V.: Ahm!

L.: Com outros profissionais. Então, quer dizer, nós saímos aqui de uma situação e fomos cair numa situação em que nós tínhamos colegas da América Latina inteira.

V.: De várias áreas?

L.: De várias áreas! Da medicina, da odontologia, da, da, da farmácia, da engenharia e da América Latina. Nós tivemos colegas de, de... da Colômbia, da Venezuela, sabe?

V.: E, e esse...

L.: Então, o curso na verdade a gente tinha todas as disciplinas do curso da Faculdade de Saúde Pública. E só a Enfermagem de Saúde Pública que era na Escola de Enfermagem, que era pelas professoras de Saúde Pública da Escola de Enfermagem, né? Então, fo... foi uma

diferença enorme, sabe? Inclusive uma diferença enorme, quer dizer, você começa a ver [gagueira] outras questões da, da, da área de saúde, das questões da Saúde Pública, sabe? E nesse período a gente tem aula as, os nossos professores também a mesma história, a gente tem professores com todos os catedráticos da Faculdade de Saúde Pública, que foi o, o, o, o Guimarães, da obstetrícia, o, o, o Mascarenhas, o Reinaldo Ramos, todos os, os, os “cobrões” da época, de lá, sabe?

V.: Luzia, você se sentiu preparada, o curso que você fez em Belo Horizonte te deu condições de acompanhar esses alunos de outros cursos?

L.: Deu. Da Saúde Pública deu porque, porque na verdade Carmelita tinha feito o curso em São Paulo. Esse de, de, de, pós-graduados. Então, ela tinha, ela estava chegando de São Paulo. Então, quando ela estava chegando de São Paulo quando, muitas coisas que ela deu pra nós dentro da Enfermagem de Saúde Pública...

E.: ...na graduação?

L.: No primeiro ano, foi o que ela tinha visto lá. Entendeu? Então não era tão estranho...

V.: ...de teoria, né?

L.: De teoria. Não era tão estranho pra gente, né? E, e nós vivíamos na época uma realidade em que, era, ela tinha uma experiência grande em Enfermagem em Saúde Pública aqui. E ela deu, passou, deu um pouco disso pra gente, também. E na verdade lá nós tivemos situações em que a gente tinha que pela, pro estágio... O curso era estruturado assim: então, a gente tinha todas as disciplinas do curso de graduação em Saúde Pública para todos os profissionais da área de saúde e a parte da Enfermagem em Saúde Pública. E tinha os estágios, então, nós tínhamos três meses de, nós tivemos três meses de estágio no Centro de Saúde Paula Souza. E no Centro de Saúde Paula Souza, foram três meses de estágio só de visita domiciliar. Então, nós ficamos três...

V.: ...vocês já faziam?

L.: Nós já... aqui nós já, [gagueira] visita domiciliar em São Paulo, lá, lá no, pra, pra, pras, pras necessidades do centro de saúde. E, o, o, o, só uma diferença que lá nós passamos a visitar a classe média. Porque casos de sarampo a gente ia visitar e casos de sarampo, o pessoal que estava em casa era, era de classe média. Rubéola, tá? Então, a gente vi... tinha alguns casos em que a gente ia pra alguns cortiço, por causa de tuberculose que, que, que era em pacientes, em pessoal que morava em cortiço. Então, toda aquela região ali de Pinheiros, sabe? Da, de Vila Madalena.

V.: E aqui as visitas domiciliares eram da classe...?

L.: Aqui porque [gagueira] lembra que eu te falei que dependendo do, era o paciente que a gente cuidava no hospital e que a gente ia até o domicílio dele.

V.: É. Pois é. E esse cliente...

L.: ...será que...? Era baixa, [classe] baixa...

V.: ...baixa...

L.: ...baixa. É sabe? De periferia mesmo, sabe? E além disso, nós tínhamos, nós tivemos estágio dentro das linhas correntes, aí tinha um lá... um estágio da indústria. E outra experiência que foi o Amparo Maternal.¹² Também toda a parte de Obstetrícia nós fizemos no Amparo Maternal. Mas, aí tinha os plantões, aí a gente po... porque lá era estipulado você tinha que fazer pra terminar o curso x partos. Aí você tinha que virar, você tinha que ir pro amparo...

E.: ...mesmo, quer dizer, [gagueira] acabavam fazendo uma integração com a, com a obstetrícia?

L.: Ti... Saúde Pública tinha, o curso de Saúde Pública era assim: ele era estruturado, então você tinha o estágio urbano, que era na Faculdade de Saúde Pública, o, a, parte de obstetrícia que a gente fazia no Amparo, e que a gente tinha que fazer no mínimo dez partos, porque se não você não, não colava grau. E, e tinha o estágio rural e o estágio da indústria e o estágio rural. O estágio rural que foi em Araraquara, na verdade era um distrito de Araraquara, que era Gavião Peixoto. Nós ficamos um mês em Araraquara, num, num, num distrito de mil e poucos habitantes que tinha médico duas vezes por semana. E a gente fazia esse trabalho na área rural. A enfermeira de Araraquara...de, de Gavião Peixoto ela tinha uma Kombi do serviço e ela que ia pra área rural. Então, a gente saía pras fazendas pra visitar, pra, pra vacinar os meninos do, dos, dos agregados, sabe? Você trabalhava mais com, com os empregados das fazendas, sabe? Tudo, tudo...

V.: ...esse curso era a nível de...

L.: ...latifúndio de campo...

V.: pós, de especialização?

L.: Quarto ano!

V.: Era o quarto ano. Não tinha nenhuma titulação?

L.: Qual...é...

V.: Só o quarto ano?

¹² Para maiores detalhes ver entrevista de Carmelita Pinto Rabelo, Irmã Cecília Bhering, Aparecida Freire Ferreira Moura

L.: Graduação em Enfermagem de Saúde Pública.

V.: Aqui na Carlos Chagas não teve nenhum curso?

L.: Aí foi quando nós voltamos, que aí Inês e eu nós formamos em sessenta e cinco lá. E viemos pra cá, pra abrir o daqui, em sessenta e seis.

V.: E aqui antes não tinha o [curso de pós-graduação] de obstetrícia?

L.: É, não. Essa é uma outra história. O de obstetrícia...

V.: Que história é essa? [riso]

E.: O e obstetrícia foi uma outra história que eles fun...fizeram o curso de Enfermagem Obstétrica bem mais, bem antes disso. Que foi, [gagueira] que funcionou acho que uns dois anos com a Yole e com a Vitória. Na época que elas trabalhavam no, no, o curso até funcionava eu acho que lá, no hospital da Polícia Militar. Tinha qualquer relação com o hospital da Polícia Militar. Vocês não conseguiram levantar nada disso não?¹³

V.: Com a irmã Cecília Bhering.¹⁴

L.: Quem...? Vocês entrevistaram a Aparecida Ferreira Moura?

V.: Ainda não.

L.: Ah! Vocês não podem perder não. Porque ela é que tem toda essa história na cabeça. Quem tinha era Vitória, Yole e ela. Vitória e Yole, não tem jeito mais. [Por já terem falecido]

V.: Tem [risos], tem que ser a Aparecida.

L.: Tá.

V.: A irmã Cecília falou alguma coisa pra gente...quando a entrevistamos.

L.: É. É. É. Sabe? É, é, isso aí é, é, é da época antes de eu entrar na escola como aluna.

V.: Sim.

L.: Tá.

V.: Bom, de São Paulo mais alguma coisa?

L.: Bom, de São Paulo, de São Paulo, a experiência foi muito boa...Ahn! [susto quando copo com água cai à mesa].

V.: Não tem problema.

L.: Foi muito boa a experiência, tá. E...tem papel aí não? Papel almoço.

V.: Pode deixar.

L.: Deixa eu ver o que mais de São Paulo.

¹³ Não obtivemos nenhuma informação sobre esse curso. Para informações da experiência no Hospital São Francisco, ver entrevista de Gercy Kelles Vieira.

¹⁴ Maiores informações sobre o curso de especialização em Obstetrícia, ver entrevista de irmã Cecília e de Aparecida Ferreira Moura.

V.: Até o seu retorno, pra Belo Horizonte de novo.

L.: Muito bom, muito, muito interessante esse período. Imagina você sair de uma biblioteca, que era três mesas e três estantes e aí você vai freqüentar a biblioteca da Faculdade de Saúde Pública, biblioteca da escola, porque da Escola de Enfermagem era pequena também na época. Era pequena em relação ao o que é hoje, né?

V.: A Escola de Enfermagem ligada a USP?

L.: É.

V.: A USP?

L.: É. Que era pequena em relação ao que é hoje.

V.: Claro.

L.: Mas vocês imaginem.

V.: Muito maior em relação ao que nós éramos.

L.: É. Então, era pra nós uma maravilha, porque tudo que a gente queria a gente tinha lá, né? Era muito in... era muito bom mesmo, sabe? E que mais? Não tem nada assim que eu estou lembrando agora de interessante.

E.: Em relação, por exemplo, [gagueira] o relacionamento com os professores lá e aqui tinha muita diferença? Mais ou menos a mesma coisa?

L.: Da escola?

E.: É.

L.: Da escola?

E.: É. Os professores de enfermagem?

L.: Engraçado os professores de enfermagem tinha, tinha duas professoras, tinha uma professora de enfermagem que era muito interessante. Ela era uma mãe assim, era o tempo inteiro no pé da gente, principalmente as de fora. “Tudo bem, como é que vai, como é que vocês estão, nenhum problema?” Sabe, sempre procurando acompanhar quê que estava acontecendo, sabe, quais as dificuldades que a gente tinha, sabe?

V.: Quem era ela? Você se lembra?

L.: Era...

L.: Era... Salomé. Salomé Curi. Salomé. Ela era muito interessante.

V.: Muito bem. Vamos deixar o resto pra outro dia?

L.: Vamos. Quantas horas?

V.: Então, está bom [riso].

[FINAL FITA 2, LADO B]

FITA 3, LADO A

V.: Luzia, é, alguma coisa da primeira parte da nossa entrevista que você tenha se lembrado e que queira resgatar agora?

LUZIA: Sim. Hou...houve um, um momento em que teve uma abordagem em relação ao Diretório Acadêmico, né? E, [tosse] na...naquele dia eu, eu não consegui lembrar o nome, quem era a presidente do Diretório Acadêmico. É, era Zulma [Carmen Viana, presidente do D.A. em 1962]. Então na verdade existia o Diretório Acadêmico.¹⁵ Agora, agora eu não lembro se ele já tinha o nome da Marina Rezende, sabe? Isso eu não tenho muita certeza, não. Eu acho que isso foi depois.

V.: Foi depois da morte dela.

L.: Foi depois da morte dela. Né, que, que ocorreu. Mas, já tava, o Diretório já tava estruturado, ele tava, ele tava, ele já tava consolidando um Diretório mais independente da, do D.A. da Medicina. Porque antes e... existia uma ligação muito de dependência, sabe? Então já estava sendo um Diretório bem mais é, é, desvinculado da Medicina. Apesar de que existia uma, uma, uma relação de boa vizinhança.

V.: Hum-hum!

L.: Né, porque...

V.: Você, você tinha alguma atividade no DA?

L.: Não. Eu não lembro não. Depo...eu, eu não lembro se eu tinha atividade. Eu sei que antes a gente participava de algumas reuniões do DA da Medicina. E eles dependiam da gente, tinha umas comissões que a gente era representante, e eles dependiam da gente. Da gente que eu falo das alunas da Enfermagem, pra poder ter quorum e pra ter voto. Então, muitas vezes, a, eles vinham até buscar a gente aqui pra poder participar das reuniões, sabe? Eu tenho uma vaga...

V.: ...lembrança...

L.: ...lembrança disso aí. É, sabe? Agora eu lembro que nessa época quem era presidente do DA, tinha qualquer coisa, uma ligação, ou era DCE era o Henrique Santilo. E Zulma era a presidente do DA aqui, então tinha muita ligação dentre a Zulma, do trabalho conjunto entre a

¹⁵ Para maiores informações, ver cap. Organização estudantil, no livro Criação, Quotidiano e Trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado.

Zulma e o Henrique Santilo, sabe? Depois, quem que foi o outro, o Silas, esse que já foi mais na época da Mirthes Versiani [dos Anjos - Vice-presidente do DA em 1962], tá?

V.: Ahn-ahn!

L.: E, e uma outra questão também que, que foi abordada, quer dizer, quando eu coloquei que a gente não tinha muita, muita ligação entre os alunos, muita convivência entre os alunos do primeiro ano [barulho de copo de plástico], aliás, os alunos do segundo ano e do terceiro. Do terceiro era raríssima, a, a, a, a convivência que a gente tinha com eles, porque não coincidia o local de estágio da gente. Já com as do segundo não, como a gente estava no segundo ano e elas no terceiro a gente já tinha mais uma ligação. E foi aquilo que eu coloquei, muitas vezes, elas auxiliavam, elas funcionavam até como instrutoras da gente. Monitora, pra tirar as dúvidas, pra...ajudar no processo de trabalho, né? E, depois, porque na verdade elas tinham atividades até às quinze horas, dezesseis horas e nós tínhamos até as cinco [dezessete] horas, porque as nossas aulas teóricas no início, no primeiro ano, a gente tinha mais teoria, sabe? E a parte prática realmente era desenvolvi...ela no primeiro ano, ela era bem, bem suave! Era mais Fundamentos, né? E era intensificava no segundo e no terceiro ano.

V.: Começava a, a ida ao hospital.

L.: É, ao hospital, sabe? Tudo mais. Ao hospital e, e também ao centro de saúde, na parte de Saúde Pública. Então a nossa ligação era pequena. Agora em relação, e as aulas práticas, e as aulas teóricas a gente tinha, como eu falei, a gente tinha uma aula, uma disciplina que era Ética e História da Enfermagem, que era a diretora que dava. E muitas vezes...

V.: ...a irmã Clarízia?

L.: É, a irmã Emília Clarízia. E, muitas vezes, ela colocava em sala de aula a, a, a questões ligadas, à indisciplina, e tudo mais, ligado aos alunos do segundo e do terceiro ano. E trazia aquilo como questões de ética [risos], entendeu? Então, a, a, a questão da disciplina no internato ela era muito, como é que eu falo? Era muito, muito vigiada, muito, sabe?

V.: Controlada?

L.: Controlada, é.

V.: E vocês três, eram as “pupilas” da irmã Clarízia?

L.: Eram cinco no primeiro ano.

V.: As cinco eram...mais protegidas?

L.: ...as cinco...eram, eram mais protegidas. Não sei se eram mais protegidas, ou, ou, eu não, não lembro se (...), porque não verdade ela, ela procurava, não era proteger, ela procurava (...)

a sensação que a gente tinha era que ela queria dar um direcionamento diferente pras cinco, entendeu?

V.: Porque talvez fossem de... tivessem o segundo grau?

L.: É. Não sei, sabe? Não sei. Parece que ela deu mesmo, viu! [risos]

V.: Bom, aí você foi a São Paulo, fez o curso...?

L.: Aí, nós fomos né. Das três, como eu coloquei, nós três terminaram o curso e as três foram pra São Paulo. E quando nós voltamos de São Paulo as três foram convidadas pra ficar na escola, pra ser professora da escola. Eu lembro que nós chegamos de São Paulo no dia 26 de dezembro e [gagueira] na minha situação a Aparecida Ferreira Moura me convidou pra ir pra uma escola de auxiliar de enfermagem. Que ela queria que eu fosse dar aula no outro dia, na escola que é do [Hospital] Sara Kubitschek, [Pioneiras Sociais] sabe? Aí eu comecei em janeiro ou fevereiro na, na escola de auxiliar de enfermagem, que ela precisava de uma profe... de uma pessoa, de uma enfermeira pra dar a parte de Saúde Pública. E quando foi em março a Carmelita nos convidou. E foi muito interessante porque o convite era pra, era pra gente ingressar na escola em caráter precário, a gente nem sabia como que era o contrato. E, eu lembro que nós estávamos na Secretária de Saúde, nós tínhamos marcado uma reunião, porque a gente tinha marcado uma reunião, com Inês e eu na Secretária de Saúde [gagueira], elas, elas convidaram, isso foi Inês e eu pra Saúde Pública, pra Enfermagem de Saúde Pública. E, e aí a Carmelita pegou e falou assim: “Amanhã cedo vocês vão na escola que eu vou dar uma prova pra vocês. Pra vocês entrarem pra escola.” Nós falamos: “Mas prova, mas prova como?” Ela falou: “Vou, vou dar um teste lá pra vocês. Pra poder fazer uma seleção, pra vocês entrarem pra escola.” Sabe, quer dizer, na verdade ela queria ter alguma coisa documentada. E há pouco tempo quando eu recebi os meus documentos da universidade, eu recebi a prova, tava realmente na universidade [risos], sabe? Eu achei muito interessante.

V.: Manteve o, o. o seu...

L.: ...é...

V.: ...a sua pasta.

L.: É, é [gagueira] tudo dentro da minha pasta. Então ela fez essa prova. E, e nós ficamos, quer dizer, isso foi em sessenta e seis, março de sessenta e seis, e foi justamente pra gente iniciar o quarto ano de Enfermagem em Saúde Pública, ta'? Então na verdade nós tínhamos tido a experiência de São Paulo e nós tínhamos que introduzir o quarto ano aqui, né? E é nós, é lógico que, [gagueira] tanto a minha experiência quanto a de Inês e a de Carmelita era, era o mesmo tipo, porque foi tudo na mesma escola.

V.: Hum-hum!

L.: Né? Tudo dentro de uma Saúde Pública, dentro do modelo John Hopkins. E, então, diante disso, nós estruturamos o curso da mesma maneira que era da faculdade de Saúde Pública, com as mesmas disciplinas. E nós fomos buscar quem seriam os docentes. Aqui então, nós, nós tivemos que, que eleger um corpo de, de docentes que tinha o domínio daquele conhecimento. Então, eu lembro que nós buscamos foi, durante muito tempo, foi no professor, é, Pinto Machado, Clóvis Beuchiar. O Pinto Machado dava Saúde Pública, o Clóvis Beuchiar dava saneamento, que ele tinha sido professor nosso, inclusive, já era professor da escola de saneamento. Ele que dava saneamento. O Paulo Lener, Paulo Lener, quem mais? Tinham vários professores, e a gente buscou nos professores da Medicina Preventiva, eles eram do tratamento de Medicina Preventiva, né? E ficou na parte de enfermagem, então ficou Carmelita, Inês e eu. E a gente dava as disciplinas de enfermagem que a gente dava na época era a Enfermagem em Saúde Pública, tinha uma disciplina, tinha Didática que não era uma didática aplicada à enfermagem, mas era uma didática que a gente dava uma série de técnicas de ensino, metodologia de ensino, tá? E tinha, aliás, essa didática ela era dada numa disciplina que chamava Educação para a Saúde, dentro da Educação para a Saúde que a gente dava essa abordagem. E que mais nessa época? Bom, aí o quarto ano foi em sessenta e seis, sessenta e sete, sessenta e oito, eu não lembro depois como foi que nós reformulamos esse quarto ano. Porque na verdade a parte prática, então o que que aconteceu, nós não tínhamos dentro da nossa cabeça, dentro de todo o modelo organizado como era Saúde Pública em São Paulo, como em São Paulo existia o Centro de Saúde Paula Souza, então nós, nós buscávamos nessa época um local que os alunos tivessem condição de desenvolver um trabalho de saúde... de, de, de, de Enfermagem de Saúde Pública mais sistematizado, e isso não existia aqui, porque Saúde Pública aqui, né, era muito, tinha muito, tinha muito a desejar. Não existia realmente! Então era mais dentro daquela história, dentro das campanhas, né?

V.: Não tinha visita domiciliar nesta época?

L.: Aqui não? O trabalho que tinha nessa época era Carmelita que fazia, mas assim, não tinha, não era, não era, não era um trabalho estruturado do Serviço de Saúde Pública, não. Era um trabalho e a Carmelita desenvolvia no Centro de Saúde Tia Amância e lá ela desenvolvia a visita domiciliar, mas vinculado à escola. Foi uma situação, uma situação criada pra atender as necessidades do ensino.

V.: Hum!

L.: Não eram atividades já absorvidas pelo sistema, tá? E nós buscávamos né, trabalhar já em, buscando mais atividades absorvidas pelo sistema. Buscando mais a realidade, não criar situações, que era criado somente pela escola. Isso a gente não queria fazer, isso era claro pra gente. Então, a única maneira que nós encontramos foi levar os alunos pra Pirapora.

V.: Hum-hum!

L.: Pra fazer estágio de um mês em Pirapora. Então, essa turma que foi a da Norma [Lúcia de Matos], da Marilda [Silva Pereira]¹⁶, da [Maria] Rizoneide [Negreiros de Araújo]. A Rizoneide foi da segunda turma. Foi. Rizoneide foi da segunda turma, da Marília [Siqueira Mendes]¹⁷. Aí, nós fomos para Pirapora, tá? E ficamos acho que um mês em Pirapora. Aí, eu que fui acompanhei as alunas em Pirapora. Fazendo estágio na Fundação SESP, né? E o curso era de um ano. Ele funcionava em um horário...

V.: ...tinha muitas alunas?

L.: Eram, não sei se oito alunas.

V.: Essas alunas eram egressas só da nossa escola?

L.: Só da nossa escola... Espera aí. Eu não sei se tinha alguma de fora nessa época. Quer dizer, eu acho que era mais da nossa escola, nessa turma. Que essa turma... que era...

E.: Quem é que financiava isso?

L.: A universidade.

E.: Viagem, estadia lá e tudo?

L.: A universidade.

E.: Tinha algum tipo de bolsa? Para os alunos, não?

L.: Tinha bolsa, a universidade... Eu não sei como, como que era. Bolsa não. A Carmelita, ela tinha, ela conseguiu... não! A primeira turma cada um pagou. Eu fui pra universida... pra lá, para o colégio e eu paguei a minha estadia lá. Ninguém financiou não. O curso lá não. Nós ficamos no colégio de freiras, tá? Em que ela dava refeição e a gente tinha, tinha um dormitório que dormia todo mundo nesse [gagueira] os alunos e, e os professores. Inês ficou um período, depois Inês voltou e eu fiquei. Não! Nós é que pagamos. Agora que eu lembrei disso. Não teve nada disso não.

E.: Isso no início, só?

L.: No primei... na primeira turma. Tá? E eram quantas alunas? Deixa ver se eu lembro o nome delas! Olha era a Marilda, a Ana Pio [Valadares], a Norma, a Maria José Aun, (...). Será

¹⁶ Formadas em dezembro de 1966

¹⁷ Formadas em dezembro de 1967

que a Silvânia [Del Carrilo]¹⁸ era dessa turma? Eu não lembro se a Silvânia era dessa turma. Silvânia, acho que foi da segunda turma. Acho que mais umas duas ou três, acho que eram seis. Acho que eram seis alunas. Não me lembro bem agora.

V.: Esse curso que vocês deram aqui, esse quarto ano, era nos moldes do que você fez em São Paulo?

L.: Hum-hum! Isso que eu te falei, era o modelo que a gente tinha. Nós procuramos desenvolver, né? Nós criamos o curso com as mesmas disciplinas. E inclusive buscando o mesmo conteúdo programático, tá? Nós tínhamos um conteúdo programático e, e por isso que nós buscamos a, a, a, pedimos ajuda pra parte de saúde pública no departamento de Medicina Preventiva. Depois, já pra segunda turma, também, ele continuou sendo dado nos mesmos moldes, né? E, era um curso de um ano, no horário da tarde, porque todo mundo trabalhava no, no, no horário. Então, o curso começava às quatorze horas. Sendo que nesse período de estágio de um mês era tempo integral [bate a mão na mesa]. Aí elas tinham que pedir liberação do serviço pra poder ir pra, pra, pra Fundação SESP. Nós fizemos, nós tivemos essa experiência na Fundação SESP por dois anos, em Pirapora. A segunda turma também foi. Depois, a nós passamos, nós fizemos, passamos por mais uma reestruturação. Ah! Aí foi sessenta e seis e sessenta e sete. Aí em sessenta e sete nós fomos para Pirapora. Quando foi em sessenta e sete a escola, a Carmelita era chefe do serviço de enfermagem da Secretaria do Estado da Saúde. (...) Era Carmelita ou era dona Isaltina [Goulart de Azevedo]? Eu acho que era... a Carmelita era do estado e a dona Isaltina que era chefe. Mais quem tinha mais atuação [gagueira] a dona Isaltina tinha mais um cargo político. Quem tinha mais a, o cargo técnico, quem mais determinava as diretrizes da enfermagem, era mais a Carmelita. Então, o, o, o diretor do Hospital Municipal, o atual Odilon Bherens, da prefeitura, né? A [inaudível] foi pedir ajuda ao estado. Acho que o secretário da saúde naquela época era o [mesmo] que diretor do, (...) do, do Hospital São Francisco. Como é que chama, como que é nome daquele pessoal, de lá? Souza Lima!

V.: Souza Lima. Família Souza Lima.

L.: O prefeito era o Souza Lima [bate na mesa]! Era a família Souza Lima que tava no município, mandando no município nessa época, tá? Então, foi, foram pedir ajuda ao estado. Então, foi pedir ajuda ao estado e lógico que aí o secretário da saúde encaminhou para a chefia... para, pra o setor de enfermagem. E foi nas mãos, caiu nas mãos da Carmelita. Então, o quê que ele fez: [gagueira] o secretário da saúde colocou cinco enfermeiras do estado pra

¹⁸ Formou-se em 1966

poder organizar... à disposição do Hospital Municipal, pra poder organizar o Hospital Municipal. As enfermeiras do estado que eu lembro era a Ilza [Domingues e Silva], que era professora aqui da escola, por seis meses, era esse período. Era a Ilza, a Carmelita, a Maria José, Maria José da Silva¹⁹ e uma outra... que era, como que ela chamava? Era aqui das Clínicas também. Esqueci o nome dela agora. Eram essas cinco. Então, elas davam quatro horas no Hospital Municipal. Aí como o trabalho tava muito lento, eu e, e, e Inês éramos da escola. Nós trabalhávamos quatro horas na escola. Nosso contrato precário, quatro horas não, nós tínhamos doze horas semanais, nosso trabalho, tá? O nosso contrato era um contrato provisório de doze horas semanais. Então, porque existia doze horas e vinte horas, mais de...

E.: ...não existia quarenta horas?

L.: Não. Não, tá? Então, aí Carmelita pediu se a gente não podia ir para o Hospital Municipal para dar uma ajuda, sabe? Então, ficou Inês e eu no Hospital Municipal. Aí nós entramos em sessenta e sete para o Hospital Municipal e só saímos de lá em setenta. Só que a nossa ajuda, as enfermeiras do estado saíram e só ficou Carmelita, Inês e eu. Então, nós tivemos que reestruturar. Aí o quê que aconteceu, nós pegamos, então, pra reestruturar o hospital e discutimos com a che...direção do hospital e foi feito um convênio com a Escola de Enfermagem. Aí é que aparece o convênio da Escola de Enfermagem com a prefeitura e os alunos entram como bolsistas. Ta? Então, aí nós tínhamos alunos do primeiro, do segundo e do terceiro ano. Alunos do primeiro e do segundo... Tinha...tínhamos, nós tínhamos três ...três categorias lá. Nós tínhamos alunos, alunos que faziam estágio lá.

V.: Curricular!

L.: Curricular. E tínhamos alunos bolsistas, estagiários, que era fora do seu lo... fora horário de trabalho...eles trabalhavam a tarde e a noite. E quem fazia a supervisão, quem fazia supervisão no horário da tarde, no horário da manhã era Inês e eu no horário da tarde. Porque de manhã eu estava na escola. Ou então, quando eu estava de tarde na escola eu ia de manhã para o hospital.

V.: Então esses alunos não tinham essas atividades incorporadas às atividades da escola?. O currículo da escola?

L.: Os alunos sim.

V.: O segundo? Do segundo?

L.: Não, o segundo não. Eles eram bolsistas...

V.: ...era como uma atividade extracurricular?

¹⁹Professora da Escola de Enfermagem Hugo Werneck, da PUC MG

L.: Extracurricular.

V.: Acompanhada pela escola?

L.: Pela escola, né?

V.: Que tipo de atividade vocês desenvolviam com ele [gagueira]...

L.: ...de tudo...

V.: ...havia diferenciação... entre os, os bolsistas...

L.: ...havia...

V.: ...e os... os alunos?

L.: Havia, havia.

V.: Como?

L.: Havia diferenciação no seguinte: os alunos no primeiro momento, porque ele primeiro só passava a ser bolsista depois que ele já tinha passado por aquele estágio. Depois que ele passou no estágio de Enfermagem Médica, aí ele seria, poderia ser bolsista, atuando na Enfermagem Médica. Entendeu?

V.: Hum-hum.

L.: A gente fa... fazia assim, eles tinham que ter experiência pra depois ele passar como, pra ele ser bol... pra ele ser estagiário.

V.: Hum-hum.

L.: E, a diferença era o seguinte: que os alunos enquanto alunos, eles estavam lá, eles tinham supervisão direta dos professores da escola. Que tinham três professores que estavam lá, era dona Daura [Pacheco Ribeiro], dois professores, era a dona Daura e a Marilda, tá? E, e depois [gagueira] nos outros horários que era os estagiários, então, nós tínhamos estagiários do primeiro ano, não sei, do primeiro ano, do segundo e do terceiro. Os do primeiro ano era pela escala de pessoal, eles tinham uma escala diferenciada. Então, eles tinham aqueles do primeiro ano que desenvolvia mais era cuidado direto com o paciente, unidade, unidade, cuidar da unidade do paciente, ir pra farmácia, sabe? Pegar medicamento e essas atividades mais, que, que ele tinha condições de desenvolver.

V.: E não tinham supervisão direta?

L.: Tinha, a supervisão era, era supervisor do setor. Ele era vinculado a supervisor do setor. E, muitas vezes, e... Ah! Outra coisa e com ele tinha aluno, a gente fazia da seguinte maneira, tinha aluno do primeiro ano no setor, do segundo e do terceiro.

V.: No mesmo setor?

L.: No mesmo setor [riso]. Entendeu?

V.: Então um complementava...

L.: ...é...

V.: ...de uma certa forma?

L.: É.

V.: Orientava o outro...?

L.: É, é. Orientava... e, e a gente ficava, porque nós éramos só duas enfermeira, era Inês e eu. E a gente fazia supervisão do hospital todo num horário, então isso...

V.: ...tinha algum funcionário além dos alunos?

L.: Ah não! Além dis...claro que todo processo de organização, e tinha outros funcionários que a prefeitura só tinha uma enfermeira, o pessoal todinho, na época que nós entramos, o pessoal que tinha uma série problemas, tudo mais, foi colocado a disposição, né? O pessoal mais antigo foi colocado para o ambulatório. E a gente tin... nós ficamos com pouquíssimo, mais na maternidade, que eram as, as, as parteiras. E nós buscamos a contratar auxiliar de enfermagem. Aí a prefeitura parece que abriu concurso pra auxiliar de enfermagem, sabe? Na prefeitura. E depois, aí como, aí a escola conseguiu manter sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove, sessenta e nove a escola conseguiu ainda manter o convênio. Aí tava [barulho de sirene] dando, tava tendo uma série de problemas ligados à prefeitura, que Carmelita é que tem melhores condições pra informar. Porque quem gerenciava esse convênio, era um convênio com a Escola de Enfermagem que o dinheiro era passado para a Escola de Enfermagem pra conta da Escola de Enfermagem, que na época é, é dona Isaltina que era diretora. E...

V.: ...que dinheiro?

L.: Do convênio.

V.: Ah, a prefeitura pagava a escola um dinheiro?

L.: Porque a prefeitura... pagava.

V.: E, além disso...

L.: ...a, a escola que pagava os alunos.

V.: Ah, sim.

L.: Você entendeu? Por que... [tosse]

V.: ...uma parte pagava para os alunos e uma retinha, retinha uma parte pra ela?

L.: Isso eu não sei. Isso eu não sei porque tin... existia o convênio [pigarro], e, porque quem tem condições de responder por isso são os órgãos da universidade. Que era um convênio legal. Entendeu? É...

V.: ...você professores tinham um salário diferenciado porque estavam lá?

L.: Não. Aí, aí, não, [gagueira] nesse caso, não. Diferenciado, não.

E.: Vocês tinham antes um, um contrato precário... de doze horas.

L.: ...nós tínhamos... doze horas.

E.: Ao entrar lá... mudou esse contrato?

L.: [pigarro] Não. O contrato precário de doze horas manteve da mesma forma. O que acontecia, porque no caso da Inês e o meu caso, aí nós tínhamos pelo convênio duas bolsas.

Nós recebíamos duas bolsas.

E.: Ah!

V.: Complementar ao salário?

L.: É. Pra poder... não, não era complementar ao salário era pra poder atuar lá. Porque eu tinha, nós tínhamos doze horas pra estar na escola. Porque nós cumpríamos nosso horário na escola.

E.: E mais...

L.: ...e mais o de lá...

V.: ...e mais o de lá.

E.: Ah, tá!

L.: Entendeu? Então, nós tínhamos duas bolsas, tá. Que, que era, quem pagávamos, quem, quem pagava esse, esse, era feito o pagamento aqui na secretaria da escola. Era dona Nilza [Andrade Ribeiro] que fazia o pagamento. Ela tinha a folha de pagamento. Então, a escola que recebia e dona Nilza que fazia a folha de pagamento. Tá?

E.: Antes de, da gente prosseguir um pouco mais nessa história do, do convênio eu queria saber o seguinte: quem fazia o terceiro ano podia exercer a profissão?

L.: Não.

E.: Quer dizer, que tinha necessariamente que fazer até quarto ano? E como é que fazia antes quando não existia quarto ano?

L.: Ah! Não, claro. Podia, é.

V.: Quem [não] fazia o quarto podia exercer a profissão?

E.: Não. Quem fazia até o terceiro.

L.: Po... podia claro é o...

E.: Podia exercer?

L.: Podia.

E.: O quarto era opcional?

L.: É, é gra... gra... graduação, mas ele graduava no terceiro ano.

E.: Ah, tá! O quarto era opcional?

L.: É.

E.: Não era uma especialização?

L.: Não! É graduação também.

E.: Era graduação.

L.: Era.

E.: É mais ou menos parecido com o que veio posteriormente?

L.: É a mesma coisa. Não é nem parecido é a mesma coisa.

E.: É a mesma coisa né? Tá? É, é, é [risos] uma outra coisa...

L.: ...ele só foi regulamentado. Ele foi mais clareado eu acho. Mas não tinha diferença, não.

E.: Ah! E uma outra coisa, você que tinha uma experiência pelo menos em São Paulo de Saúde Pública, aí quando você entrou no Hospital Municipal, como que era isso dessa, dessa transição, ou desse tramitar da, da, da saúde pública pra assistência hospitalar, como é que se dava isso?

L.: Olha, a coisa mais interessante, porque [gagueira] nós não tivemos muita dificuldade não. Porque na verdade a formação básica nossa dos três anos era pra, era da área hospitalar. O currículo da escola todo voltado pra área hospitalar, né?

E.: [inaudível]

L.: É [riso]. Então foi só o quarto ano, entendeu? Que era de saúde pública. Quer dizer, justamente aque... aquela [barulho de copo de plástico] parte que não tinha pelo currículo que não tinha, que é, que né? Que a saúde pública que não tinha no currículo que nós fomos...

E.: Quer dizer...

L.: ...buscar em São Paulo...

E.:que quando você entrou na escola, você não tinha nenhuma experiência exceto curricular, tanto na área hospitalar como na saúde pública?

L.: Não.

E.: Ahn-ahn.

L.: So... somente curricular.

E.: Tá. Quer dizer, você saiu da escola vamos dizer, e entrou como professora?

L.: Foi.

V.: Primeiro emprego.

L.: Meu, meu primeiro emprego.

V.: E na, e na Escola de Auxiliar de Enfermagem, do Sara Kubitschek... você chegou a ficar algum tempo?

L.: Fiquei. Eu fiquei um ano lá.

V.: Concomitante?

L.: Con... aqui na escola, [gagueira] no período de sessenta e seis.

V.: Ah, antes de entrar na, no...

L.: ...no Municipal...

V.: ...no Odilon Behrens.

L.: É, tá. Eu fiquei lá, tá? Fiquei, porque aí eu tinha um horário de manhã, eu tinha um horário que era lá e o horário da tarde, o curso era a tarde aqui, o curso da escola. Era de quatro às seis. Ah! [estala a língua] De que quatorze às dezoito.

V.: Hum-hum. E como é que acabou essa, esse convênio com a, com o Odilon?

L.: Espere, pois é, [gagueira] essa história foi o seguinte: aí parece que a escola, eu não lembro das datas, quando é que foi, esse convênio durante dois anos ou... Aí o quê que aconteceu criou-se uma necessidade de, de contratar pessoal para o hospital, porque o hospital foi aumen... quer dizer, foi aumentando, nós abrimos, estava muito fechado, nós abrimos mais enfermarias, houve uma reforma toda dentro do hospital. Foi reformulado todo o bloco cirúrgico, então aumentou o número de cirurgia. Então houve a necessidade de, de aumentar o contingente de enfermagem. E a escola não tinha jeito de suprir essas necessidades. Aí discutiu, foi discutido na direção do hospital em buscar uma forma, e o, e ao mesmo tempo a prefeitura não podia contratar, porque ela não tinha, pelos quadros da prefeitura não era possível, não tinha, pelos quadros da prefeitura era imposs... não tinha cargos, entendeu? Era isso. Porque as pessoas que existiam estavam nos postos de saúde, que eles já tinham colocado à disposição, nos postos de saúde, estavam com todos os cargos ocupados e da seguinte maneira: tinha os, os cargos de enfermeira que existiam estavam, estavam ocupados por pessoal atendente, que entrou no cargo de enfermeira e recebia como enfermeira. Era uma confusão. Os, os cargos de auxiliar de enfermagem estavam ocupados pelo pessoal atendente que não eram auxiliar de enfermagem. Então, [gagueira] o quadro era muito confuso. E não, e não tinha uma, uma solução pra isso. Aí a melhor maneira foi de encontrar o caminho de verificar a possibilidade de abrir uma firma, uma prestação de ser... de terceirizar, na verdade [riso]. Entendeu? E, então o quê que aconteceu na, nas discussões surgiu, discutiu-se essa oportunidade e teve uma enfermeira que era enfermeira do INAMPS, ela tin... eu não sei, eu não lembro, eu acho que ela tinha, ela foi do grupo, ela era do INAMPS, ela era do estado

também. E ela foi, agora que eu lembrei, ela foi do grupo das cinco que foi para o estado, que foi para o Hospital Municipal e que num, num, não permaneceu lá, só ficou os seis meses. Então, diante disso ela abriu uma firma que chamava SEND, serviço de enfermagem, tá? Ela abriu uma firma e essa firma, ela fez um convênio com a prefeitura. Ela fez uma convênio com a prefeitura de, de, ela recebia um dinheiro x, dentro do convênio ela tinha um dinheiro x e que ela tinha que contratar tantos auxiliares, tantos enfermeiros para o Hospital Municipal, tá? Agora era uma firma legal, como todos os, os direitos trabalhistas, tudo ok, tudo legalizado. Aí, então, o quê que aconteceu: nós passamos para essa firma, tá? Aí teve, [gagueira] teve possibilidade de colocar mais enfermeiros dentro do hospital, aí aquelas enfermeiras, as alunas do terceiro ano já passaram pra, para o SEND já como enfermeiras e passaram a ser supervisoras do hospital. Então, quando nós saímos do, fo... foram várias turmas que passaram pelo Hospital Municipal, quando no... eu saí de lá em setenta, o hospital ainda continuou e depois quando foi, passou a prefeitura, a beneficência assumiu, depois teve condições de assumir toda a estru... toda a parte de enfermagem do hospital, aí a beneficência já contratou enfermeiras e eram as próprias ex-alunas que tinham passado por lá. E a primeira chefe de lá eu não sei se foi a, foi a, foi a Iracema, Iracema Mamede, depois foi a Giga, a, a, a Maria Girlene Martins, tá? Então, teve, teve uma...

V.: ...Francisca!...

L.: ...sabe, teve uma história. Qual Francisca? A Chica?

E.: V.: Eronildes?

L.: Não.

E.: Foi não?

V.: Elas não...

L.: [inaudível]

V.: ...chegaram a trabalhar lá com...

L.: ...não...

V.: ... nessa parte da administração, quando a administração tomava... conta do hospital?

L.: Bem, bem depois, bem depois disso.

V.: Ah, sei!

L.: A história da Francisca [Eronildes], da Francis lá e bem mais tarde. Que ela veio pra cá, ela veio pra, ela era da Bahia e veio pra cá bem mais tarde, sabe?

V.: Hum-hum! Bom, voltando...

L.: Agora nessa, bom, bom, bom, nessa parte aí, né? Ah! Porque que eu entrei nessa história toda [gagueira] era justamente por isso, [gagueira] aí foi diversificado o curso nosso. Antes ele estava voltado somente para Enfermagem de Saúde Pública, aí o quê que aconteceu, diante de... dos alunos, aí nós tínhamos mais alunos...

E.: ...quer dizer, isso significa que só tinha o quarto ano de Saúde Pública?

L.: De Saúde Pública, tá?

E.: Não tinha, não tinha quarto ano de outra...

L.: ...de Enfermagem Obstétrica, não. Era, a Noemi veio pra cá pra poder, pra poder [tosse], pra poder acontecer e, aí é outra história. Essa história eu num, não tenho, é outra vertente, eu não tenho...

V.: ...pra obstetrícia...

L.: ...é...

V.: ...você não sabe essa história.

L.: Eu não tenho... eu sei mas é muito pouco, então, num, não convém, né?

V.: Hum-hum.

L.: Aí, quê que aconteceu, a... aí, aí nós, nós estruturamos o curso diferente. Aí nós passamos de acordo com as necessidades dos alunos. Eram as, as turmas já eram de trinta, trinta e cinco alunos, né? Então, nós, nós estruturamos o curso diferente. Ape... ele tinha uma parte básica de Enfermagem de Saúde Pública, o curso. Além de uma parte básica ele tinha uma parte específica, que era de acordo com a, a, a experiência do aluno, aquilo que ele optava. Aí a gente, gente pegou três ou quatro áreas, aí nós pegamos Enfermagem em Saúde Pública, Enfermagem Psiquiátrica, (...) qual é a outra área que tinha? Eu acho que é Médico-cirúrgico. Era. Foram três áreas.

V.: Isso tudo antes da Resolução 04/72?

L.: É. Eu não lembro se antes da 04 ou se já foi depois da 04.

V.: Setenta e dois?

L.: Já foi depois da 04.

V.: É porque em setenta e dois houve uma nova reforma do ensino onde foram criadas as habilitações.

L.: É tem razão. Mas aí, aqui as habilitações foram criadas aqui foi só em setenta...

E.: ...[inaudível] setenta e dois...

L.: ...e só em setenta e cinco.

E.: ...é [inaudível]

L.: Pela [inaudível] de setenta e seis. Então na verdade continuou um pouco [gagueira] nós, nós mexemos na estrutura interna do curso. O aluno recebia, ele era graduado em Enfermagem de Saúde Pública, ele tinha uma parte básica na Enfermagem em Saúde Pública, mas o estágio dele é que era especializado. Então, aquele que fizesse opção por Psiquiatria ele ia fazer estágio em Psiquiatria. Então, aí tinha a Terezinha Cardoso, além da Terezinha Cardoso quem era a outra professora da psiquiatria, também. Então, eles tinham, eles faziam estágio em Psiquiatria no [Hospital Espírita] André Luiz, em, em outros lugares. Nos, nos, nos estágios da escola, tá? Silvéria, não a Silvéria foi das que optou, foi aluna e optou por psiquiatria...

[FINAL FITA 3 LADO A]

FITA 3, LADO B

L.: ...tá? [barulho do gravador em contato com a mesa] [tosse] no grupo, aí é uma outra história. Tinha um grupo da emergência, que aí tinha o [Hospital de] Pronto Socorro e nós tínhamos os colaboradores do Pronto Socorro, vários, por exemplo, [médico] o Evilázio Teubner Ferreira dava aula aqui na escola, o [médico] Célio de Castro dava aula aqui na escola, pra, para o quarto ano, era o quarto ano mas para o grupo que tinha feito a opção [gagueira] pra Médico-Cirúrgica. É a mesma história, o grupo que tinha ficado com Enfermagem de Saúde Pública eram os mesmos professores do Departamento de Medicina Preventiva e mais a parte da enfermagem, que a gente dava. E a parte pra Enfermagem em Saúde Pública nós fomos dois anos para o Rio de Janeiro pra, pra Escola Nacional de Saúde Pública, para o Centro de Saúde lá de Manguinhos, tá? E é muito interessante essa passagem porque, aí foi a mesma história: a escola tinha que providenciar local para os alunos ficarem, eu não sei como a escola... aí escola financiava o local e a primeira vez, como é que foi a história? A primeira vez as, os alunos ficaram na Escola de Enfermagem Anna Nery, tá? E eu também fiquei na Escola de Enfermagem Anna Nery. Mas a minha...

E.: ...porque a saída pra lá?

V.: ...estágio?

L.: ...pra buscar estágio, buscar uma Saúde Pública mais organizada, entendeu? Um mês de estágio lá. Então elas passaram, aí o estágio eu, eu lembro que foi eu que fui, aí a mesma história foi eu que financiei toda a minha ida, também. Passagem, hospedagem, tá? Comida, tudo era por minha conta e... mais eu só ia, eu só fui no início fiquei uma semana lá, menos de

uma semana, só mesmo pra discutir, porque quem ia acompanhar o estágio era a enfermeira da, do, do, do Centro de Saúde, tá? Só pra passar todo, dar toda orientação pra ela. E depois na avaliação, tá?

V.: As alunas ficavam no mesmo local que vocês?

L.: No mesmo local.

V.: E, e aí você como professora, era com as alunas, tinha uma convivência...?

L.: Tinha. Normal.

V.: Sem aquela, aquela...?

L.: Não, sem burocracia nenhuma. Eu, eu dormia no quarto de aluna.

V.: Sem aquela [inaudível]...

L.: ...não...

V.: ...que tinha quando aluna.

L.: Quando, quando eu cheguei que eu fui pra Anna Nery; aí eu fui descobrir aonde é que eu ia ficar. Aí tinha um quarto, eles me deram uma vaga que era uma pessoa da pós-graduação. Então, a, a pessoa que me recebeu falou que ia me colocar com uma aluna da pós-graduação porque achava por bem não ficar, eu ficar com os alunos. Só que quando eu entrei no quarto, eu voltei e falei pra ela que ela estava enganada que eu preferia ficar com os alunos do que ficar com uma pessoa que eu não conhecia, porque o quarto não tinha condições. Melhor desligar. [risos]

V.: Stop. [risos]

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Bom, aí você... preferiu ficar com as alunas?

L.: ...aí... Aí ficamos com as alunas. Eu fiquei no quarto com uma aluna, sabe? Foi até com a Marisa, Marisa Minas Montes, tá?

V.: Nesse período...

L.: ...e era muito interessante agora você con... é muito interessante porque quando você for entrevistar alguém que passou por esta experiência, elas têm muita coisa interessante que elas vivenciaram lá, dentro também de um internato, né?

V.: Porque você não entrava...

L.: ...dentro do esquema de internato...

V.: ...em contato com as outras internas?

L.: Não, porque eu fiquei pouco tempo. Eu fiquei lá, lá eu devo ter ficado lá uma semana, nem isso.

V.: Ah, só pra introduzir as alunas?

L.: É.

V.: Depois você voltou?

L.: É. E elas que ficaram um mês, né? Então elas têm, devem ter casos muito interessantes, [riso] sabe? Da história de lá. Bom, que mais que... quê que foi? Tá.

V.: Continuar com a questão... do curso, né?

L.: ... aí foi a questão... do curso, né? Foi a, a, a, a, essa, essa opção, né? E aí ele foi, ele foi dessa maneira, aí que veio a reforma, né? Veio a Reforma Universitária, [em 1968] nessa época de sessenta e sete eu já tinha[gagueira] ia começar em sessenta e sete?

V.: Meia oito.

L.: Sessenta e oito, é. Sessenta e oito, aí o curso manteve. Ah, é, o curso manteve, aí foi, não aí a reforma foi da minha escola. Toda a reforma, né. Toda a reestruturação da escola.

V.: Como que você se lembra dessa...

L.: ...é, a criação de departamentos.

V.: Como é que era antes da, da reforma universitária? O quê que mudou com a reforma universitária da estrutura organizacional da escola?

L.: Da estrutura organizacional da escola foi na época, foi, começou, foi a onde, quem era diretora era dona Isaltina... aí quando eu entrei pra escola quem era diretora era a irmã Maria Carmem [Teixeira], aí a escola já era outra, né? A irmã Emília já não estava mais aqui. E depois da irmã Maria Carmem, quando eu estava, aí [gagueira] aí foi trabalhar no processo de desanexação.

V.: Isso.

L.: Né? Dentro do processo de desanexação, que foi a Carmelita que trabalhou arduamente, a Isaltina como sempre comandando a parte política, também. E eles tiveram vários aliados, primeiro elas trabalharam junto à universidade. Porque elas tinham trabalhado junto à universidade, tinha uma pessoa da universidade que dava assessoria pra elas, eu não lembro mais o nome. Carmelita tem, deve ter essas informações, né? E, e...

V.: ...e os contra?

L.: Os contra devia ser de lá da, os contra...

V.: ...você não conhecia?

L.: ...os contra da medicina. Não, não os contra...

V.: ... não entrava nesse...

L.: ...não. Os contra era, os contra era de gestão da medicina, né? Aí era toda a congregação dos contras. Então, tinha que trabalhar era junto à universidade, tinha que trabalhar todo mundo. E da medicina tinha gente a favor. Por exemplo, aqueles professores que eram daqui, os nossos aliados, que eram da medicina preventiva eram todos a favor. Professor Pinto Machado, né? Então tinha gente na universidade que dava esse apoio. Aí essa história realmente mais de perto eu, eu num, num, não tenho informação dela porque na verdade no, nem na, na, na, no, no ato de desanexação eu não participei. Porque nessa época eu estava com a segunda turma em Pirapora, e eu fui pra Pirapora para Carmelita poder vir pra cá pra poder participar do, do ato de, de desanexação, sabe?

V.: É, [gagueira] nessas, nessas discussões políticas, digamos assim, os professores não tinham muita participação era só, era só a direção?

L.: Porque na verdade essas, na verdade a escola não tinha nada. Os, os professores tinham uma representação junto à medicina, porque a escola era anexada à medicina. Então ela pertencia a, a, a Congregação da Medicina. E só tinha assento à Congregação da Medicina, me parece, que era só a diretora da escola.

V.: Hum! Era só uma pessoa?

L.: Então... Era só uma pessoa. Então, tudo era visto, trazia pra cá, mas sobre os olhos da direção da escola.

E.: Hum-hum.

V.: Hum-hum.

L.: Entendeu? E que, muitas vezes, ela não nem era convidada à participar. Ela era figurativa, ela não era nem convidada pra participar da Congregação, tá? Aí, aí vem a desanexação, aí vem a desanexação e vem a reestruturação da escola, né? Aí vem a discussão de, de criar os departamentos, aí vem a história todinha como seriam os departamentos, a necessidade de se criar esses dois depar... três departamentos, que discutia muito a questão de criar dois departamentos e tinha uma disputa muito grande. Mas, aí no final realmente foi criados dois departamentos, que foi na época que era o DEB [Departamento de Enfermagem Básica] e o DEA, né?

V.: Hum-hum!

L.: Então... e com, com isso também veio a, a, a...

E.: ...era assim que chamava o Departamento de Enfermagem Aplicada?

L.: Era, era o DEA. Depois bem mais tarde que criou o DEMISP [Departamento Materno-Infantil e Saúde Pública], né? Aí depois que criou, aí, dentro do, do, do DEA as disciplinas... bom até essa data eu era ainda [professor] colaborador.

V.: Hum-hum!

L.: Né? Eu era colaborador. Então eu fiquei de sessenta e seis a sessenta e oito enquanto colaborador, com as doze horas semanais. Trabalhava vinte e quatro, né?

V.: Sim.

L.: Duas horas semanais. Depois de... aí foi que veio o contrato precário, pra vinte horas semanais. Aí veio esse contrato precário que aí nós passamos a, foi, aí foi, e esse contrato precário foi na, na gestão da dona Isaltina. Que aí já, já foram outras professoras contratadas. Aí já foi a Rizoneide, foi a Marília, né, foi Marília, foram outros professores.

V.: Dona Rosa [Lima Moreira] ainda era desse tempo? Quer dizer, você se lembra de dona Rosa...

L.: ...até...

V.: ...por exemplo, no Odilon Bherens? Ela ia pra lá na época?

L.: Não, não.

V.: Não.

L.: Não, não, não. Odilon Bherens só quem ia, Odilon Bherens enquanto professor era a dona Daura, dona Rosa tinha aposentado, era dona Daura, Marilda que já era professora da escola. Marilda ia, acompanhando aluno... e só.

V.: Hum-hum! Com a, a, a reforma universitária ou com a desanexação você se lembra da primeira diretora da, da eleição da Carmelita ou da indicação da Carmelita como primeira professora leiga?

L.: Lembro, lembro sim.

V.: Água?

L.: Não, não. Lembro sim, lembro porque nós, inclusive, nós participamos muito do lado de fora, com muita ansiedade pra ver, né? Houve uma indicação da Carmelita, como é que foi a história? Houve uma indicação da Carmelita, até mesmo porque ela assumiu a diretoria, não foi? Ela assumiu os trabalhos, porque ela estava conduzindo os trabalhos. Então, ela ficou respondendo até haver uma, uma, uma eleição. E a eleição, não era uma eleição, era uma indicação do reitor, não era eleição, né? Era indicação do reitor. Aí na indicação do reitor eu fiquei sabendo por fontes limpas que foi a Carmelita que foi indicada, mas dona Isaltina é que queria ser indicada, sabe? E tal, tamanho foi a decepção de dona Isaltina, que Carmelita não

aceitou e falou que quem devia ser era Isaltina. E a Isaltina assumiu, tá? Mas a indicada pelo reitor...

V.: ...seria a Carmelita.

L.: ...seria a Carmelita. Pela condição dos trabalhos, sabe? E depois, foi, foi esse o mandato da Isaltina, né?

V.: É. E você se lembra da, da retomada da construção da escola? Porque foi logo depois, né, sessenta e oito, é que se, com a desanexação que houve possibilidade de retomar a construção da escola.

L.: Foi muito lenta, né? Foi muito lenta, a reconstrução da escola. Foi muito lenta e, e, e me parece que tinha um fator também que ajudou que foi a vinda do ICB (Instituto de Ciências Biológicas). Então eles tiveram que terminar o quarto, aliás, o quinto e o sexto andares, porque os, os, os laboratórios todos do ICB funcionavam lá em cima.

E.: É, vieram pra cá.

L.: É.

V.: Oh, oh, Luzia só um pouco antes, na eleição da Carmelita, é com a eleição, com a indicação e eleição da Carmelita, é a primeira e a, depois a dona Isaltina conti... continuando as freiras saíram, você se lembra dessa saída das freiras da escola e do Hospital das Clínicas? Tem alguma notícia? Porque saíram? Como foi essa saída?

L.: (...) Já tava, já tinha, parece que um acordo, né, uma vez com a reforma universitária as, as, as freiras não ficariam mais. Inclusive eu tenho impressão que, num, num não tinha nem, nem perfil realmente pra poder assumir. Porque foi com dificuldade que eles conseguiram a irmã Maria Carmem pra assumir o período aqui. E ela veio somente pra ficar nessa parte de transição realmente. Eu acho que já tinha uma definição da congregação, que a congregação não assumiria mais a, a, a, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

V.: E ou todas as escolas como um todo?

L.: Eu... isso eu não sei. Porque ela tinha, ela já tinha, ela, ela manteve, ou mantém até hoje uma escola a, a, a, a Luiza de Marillac, né?

V.: Hum-hum!

L.: No Rio [de Janeiro].

V.: É.

L.: É, sabe? E mesmo aqui a atuação delas, também, no Hospital das Clínicas também já era um número bem reduzido, também. Acho que elas não tinham contingente pra poder assumir isso não, né? (...)

aceitou e falou que quem devia ser era Isaltina. E a Isaltina assumiu, tá? Mas a indicada pelo reitor...

V.: ...seria a Carmelita.

L.: ...seria a Carmelita. Pela condição dos trabalhos, sabe? E depois, foi, foi esse o mandato da Isaltina, né?

V.: É. E você se lembra da, da retomada da construção da escola? Porque foi logo depois, né, sessenta e oito, é que se, com a desanexação que houve possibilidade de retomar a construção da escola.

L.: Foi muito lenta, né? Foi muito lenta, a reconstrução da escola. Foi muito lenta e, e, e me parece que tinha um fator também que ajudou que foi a vinda do ICB (Instituto de Ciências Biológicas). Então eles tiveram que terminar o quarto, aliás, o quinto e o sexto andares, porque os, os, os laboratórios todos do ICB funcionavam lá em cima.

E.: É, vieram pra cá.

L.: É.

V.: Oh, oh, Luzia só um pouco antes, na eleição da Carmelita, é com a eleição, com a indicação e eleição da Carmelita, é a primeira e a, depois a dona Isaltina conti... continuando as freiras saíram, você se lembra dessa saída das freiras da escola e do Hospital das Clínicas? Tem alguma notícia? Porque saíram? Como foi essa saída?

L.: (...) Já tava, já tinha, parece que um acordo, né, uma vez com a reforma universitária as, as, as freiras não ficariam mais. Inclusive eu tenho impressão que, num, num não tinha nem, nem perfil realmente pra poder assumir. Porque foi com dificuldade que eles conseguiram a irmã Maria Carmem pra assumir o período aqui. E ela veio somente pra ficar nessa parte de transição realmente. Eu acho que já tinha uma definição da congregação, que a congregação não assumiria mais a, a, a, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

V.: E ou todas as escolas como um todo?

L.: Eu... isso eu não sei. Porque ela tinha, ela já tinha, ela, ela manteve, ou mantém até hoje uma escola a, a, a, a Luiza de Marillac, né?

V.: Hum-hum!

L.: No Rio [de Janeiro].

V.: É.

L.: É, sabe? E mesmo aqui a atuação delas, também, no Hospital das Clínicas também já era um número bem reduzido, também. Acho que elas não tinham contingente pra poder assumir isso não, né? (...)

V.: Em sessenta e oito teve também o, a extinção do internato. Você se lembra desse período?

Pra onde foram as alunas? Como é que foi a reação das alunas, por não ter mais internato?

L.: (...) Não eu não lembro [gagueira] já estava definido, também, porque internato só, entendeu? Ele só terminaria com... foi tudo isso decorrente da própria reforma universitária.

V.: Hum-hum!

L.: Né? Eu num lembro, eu não lembro se teve reação, não. (...) Nesse período eu estava no Hospital Municipal. Na verdade a gente ficava vinte e quatro horas no Hospital Municipal [riso]. Então, a gente ficava longe, muito longe das questões aqui da escola, sabe? A gente ia direto pra lá, para o campo, então...

V.: Nós temos um registro aqui também, ainda em sessenta e seis, da, de dois rapazes, né, que tentaram entrar na escola e não conseguiram e aí entraram com mandato de segurança. Você se lembra desse fato?

L.: (...) Parece que eu lembro, que teve qualquer coisa assim, dizendo que tentaram entrar enquanto aluno, né?

V.: Sim!

L.: É, mas...

V.: ...na seleção.

L.: (...) Se eles não foram aprovados na seleção. Eu acho que teve uma história que eles não foram aprovados, por isso que eles não entraram.

V.: E você se lembra de quando teve o, o primeiro aluno ou os primeiros alunos aqui na escola? (...) Seu Henrique [Augusto de Melo] foi o primeiro que se formou [em dezembro de 1966], mas não sei se teve alguém que entrou antes dele.

L.: Eu não lembro se teve gente antes dele.

V.: Você não se lembra de aluno...

L.: ...não!

V.: Masculino?

L.: Não!

L.: De sexo masculino?

L.: Não! Porque desde, desde que [gagueira] eu entrei na escola eu já fui pa... pegar aluno de quarto ano. Então eu não tinha muita... ligação...

V.: ...quando que você teve alunos você não lembra??...

E.: O primeiro aluno homem?